

# Revista de Espiritismo

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

## SUMÁRIO:

- Sôbre a idéa de Deus** — (ENSAIO) — ANTÓNIO L. VILELA.  
**Espiritismo** — PEDRO CARDIA.  
**O Mito Satânico** — D. MARIA O'NEILL.  
**A Alma Humana** — (NEOPSIQUISMO EXPERIMENTAL) — DR. ANTÓNIO J. FREIRE.  
**Drs. Adolfo Sena e Alberto Zagalo** — A COMISSÃO DIRECTIVA.  
**A Pastoral do Senhor Arcebispo de Braga** — DR. ANTÓNIO J. FREIRE.  
**General Viriato Zeferino Passaláqua** — A COMISSÃO DIRECTIVA.  
**Crónica estrangeira** — PEDRO CARDIA.  
**Factos supranormais** — APARIÇÕES DO PAPA PIO X NO VATICANO.  
**Vozes do Além** (COMUNICAÇÕES MEDIANÍMICAS).  
**Noticiário** — Caixa de Propaganda.



Redacção e Administração:

**RUA DA ASSUNÇÃO, 58**

**LISBOA**

**PORTUGAL**

Número avulso 3\$00

# Revista de Espiritismo

*Metapsíquica - Esoterismo*

*Hipnomagnetismo - Ética*

Órgão da Federação Espírita Portuguesa

Administradores: { *Vasco Infante da Camara*  
*Raul Zagalo Fernandes*

Redacção e Administração: RUA DA ASSUNÇÃO, 58 — **LISBOA**

Comissão Directiva: *Dr. Afonso A. Martins Velho — Dr. Adolfo Sena — Dr. António J. Freire — António L. Vilela — Alberto Zagalo Fernandes — Dr. José Neves J.<sup>or</sup>.*

Secretário de Redacção: *Pedro Cardia.*

Redactores: *D.<sup>ra</sup> Amélia Cardia — D. Maria O'Neill — D. Madalena Frondoni Lacombe — D. Maria Veleda — Conselheiro Dr. João José da Silva — Dr. Carneiro de Moura — Dr. João Antunes — Dr. Évora Macedo — Dr. Amílcar de Sousa — Capitão A. Carnell — Prof. Arantes Pereira — Engenheiro José A. Manique de Albuquerque — Joaquim Quintela Paixão — Manuel Cavaco — Ramiro Guedes de Campos — Fernando Almiro N. Vale — Carlos dos Santos Paiva — José M. Pereira Bravo — Capitão de Fragata Severiano Ivens Ferraz — Capitão José R. Pinto da Silva — Capitão Augusto da Silva Flores — Capitão Eurico de Castro Zuzarte — Tenente Manuel Caetano de Sousa.*

## ASSINATURAS

Portugal Continental e Ilhas Adjacentes .. (escudos)	15\$00
Colónias Portuguesas..... ( > )	20\$00
Brasil..... (moeda brasileira - réis)	10\$000
Estrangeiro..... (francos francezes)	30

As assinaturas são anuais e pagas adiantadamente

## DEPOSITARIOS

**LISBOA** — LIVRARIA AILLAUD & BERTRAND — Rua Garrett, 73-75

**PORTO** — LIVRARIA MOREIRA — Praça da Liberdade, 44

**COIMBRA** — LIVRARIA COIMBRA EDITORA, L.<sup>DA</sup> — Rua Ferreira Borges

Este número foi visado pela comissão de censura de Leiria.

Comp. e Imp.  
TIP. CENTRAL, LIMITADA — LEIRIA

# Revista de Espiritismo

Órgão da Federação Espírita Portuguesa

## Sôbre a idéa de Deus

(Ensaló)

Nós somos os peregrinos do Absoluto, cativos do relativo, no âmbito estreito da nossa possibilidade dinamizada, porque temos em gérmen a eternidade de ser, para conceber e conhecer.

Resume-se nisto a história do pensamento humano!

Quando na nebulosa da consciência, após uma elaboração multi-milenária, as necessidades metafísicas despontaram, no horizonte da vida surgiu o primeiro homem.

Para além dos dados da arqueologia, temos apenas os elementos que nos fornece o estudo da anatomia comparada.

A história da humanidade é muito recente e os subsídios da pre-história bem escassos são, para se avaliar das concepções dos homens primitivos, cuja vida se devia reduzir quasi exclusivamente à satisfação das necessidades físicas, como os animais, porque a evolução faz-se contínua mas lentamente através de gradações suaves. (1)

Foi assim que êles começaram por talhar a pedra para fabricar os utensílios indispensáveis aos seus costumes rudimentares. A' idade paleolítica sucede a neolítica quando a pedra começa de ser polida, vindo depois a época dos metais.

Segundo os arqueólogos, os *selvagens* mais antigos, que deixaram vestígios em França e na Europa ocidental, serviam-se de utensílios e armas inteiramente semelhantes às que empregavam as tribus da Tasmânia, desaparecidas recentemente.

Os negros da Austrália que pertencem ainda à idade da pedra, bem como os de certas tribus da Africa central e os índios da América do Sul, constituindo as raças mais selvagens que actualmente existem, estão já muito longe dêsse passado distante e tenebroso onde não podemos remontar.

Foi na idade da pedra que o homem aprendeu a produzir o fogo, e tão extraordinária se lhe apresentou esta manifestação de poder, que começou por lhe prestar culto.

No ciclo primitivo da sua evolução intelectual, o homem não abrange mais do que o sensível nos acanhados limites do seu horizonte; e assim, depois de personificar as pedras e os astros, o fogo e a água, as plantas e os animais, na concepção *naturista*, deifica os animais e é *totemista*, ou vê nos objectos e nas coisas um poder occulto e misterioso e é *feiticista*.

Mais tarde, quere interpretar a *variedade* que os sentidos lhe revelam, porque não se satisfaz com a simples observação.

(1) — As variações bruscas (heterogénese) que serviram de fundamento à *teoria das mutações* de De Vries, cujo principal precursor foi Korschinsky, não são mais do que discontinuidades aparentes, porque a periodicidade sensorial impede o conhecimento das fases intermédias, e portanto a apreciação da continuidade real.

A discontinuidade implicava a *não-existência* nesse intervalo.

A necessidade causal impõe-se-lhe com a clareza imperiosa dum axioma, e, não podendo conceber a Unidade maravilhosa, realizável apenas no campo do Ideal (como expressão sintética de todas as aparências) busca na variedade das causas a solução desse enigma — falsa solução que remove apenas as dificuldades, porque o problema da variedade não se resolve partindo da variedade (1).

Então pluralizando os deuses, professa o *politeísmo*.

E' o receio das fôrças que desconhece que as diviniza! E' o mistério ocupando o lugar da divindade!

Foi sempre assim: o homem confunde Deus com o mistério, porque o mede pela bitola da sua ignorância!

Um dia chegou, porém, que o selvagem, tendo já esboçado vagamente as primeiras concepções do *Belo*, decorando os utensílios de que fazia uso, com os ornamentos próprios da sua Arte embrionária, procurou êle mesmo realizar a imagem dos seus deuses.

Foi então que os deuses começaram de ser fabricados pelos homens!

Bem depressa êsses deuses se hierarquizam, e, passando a constituir uma só família, o politeísmo vai caminhando gradualmente para o monoteísmo.

O receio apavora e domina, e a própria adoração é feita de temor!

A ignorância, sempre intolerante, gera o fanatismo que navega em caudais de sangue pelos séculos em fora.

Mas o homem vive na Terra, a mãe fecunda que lhe sustenta e abriga o corpo na vida e na morte! Então deífica a Natureza confundindo-a com Deus e é *pan-teísta naturista*.

A concepção dualista de Deus é posterior. As sensações agradáveis ou desagradáveis, acordam nele o sentimento do Bem e do Mal, e as concepções do Belo procuram dar-lhes forma. São sentimentos grosseiros, dum utilitarismo puramente egoístico.

Depois começa a dominar os elementos e desabrocha nele a consciência vaga da sua superioridade. Porisso cria Deus à sua *imagem e semelhança*, enfermando dos seus vícios e das suas paixões: — é o período do *antropomorfismo*.

E se foi pelo estudo da Natureza em que entrava uma grande parte de si próprio, que o homem atingiu a concepção de Deus, não admira essa idéa enferme dos vícios e paixões humanas, quando a inteligência não está desenvolvida a ponto de assimilar a noção dum limite inatingível.

As tribus vivem separadas por interêsses, formando seitas com o seu Deus que partilha das mesmas opiniões e é inimigo da tribo vizinha.

Os laços de família, pouco a pouco, ligam as tribus, e os perigos comuns tornam êsses laços mais fortes. O chefe da tribo é ao mesmo tempo chefe da seita, e porisso a lei civil confunde-se com a lei divina. As tribus constituem sociedades; as seitas formam religiões. As concepções humanas vão-se elevando, e a adoração a Deus começa de ter vislumbres de amor.

O problema do destino humano, que encerra todos os outros — êsse problema culminante cuja solução melhor pode orientar-nos no dédalo da vida — preocupa as *élites*, que, incompreendidas, se refugiam no *esoterismo*, buscando na razão o fulcro da convicção.

Entretanto o *exoterismo* com um ritual pomposo e complicado, para melhor impressionar, acende nas classes inferiores a luz piedosa da fé.

Foi desse oriente misterioso, da cordilheira agreste do Himalaia, onde as escolas iniciáticas se refugiaram numa íntima e solitária comunhão com a Natureza,

(1) — Os evolucionistas materialistas que consideram a variedade sensível, apenas como a resultante de condições diversas, também não resolvem o problema da Variedade.

que irradiou a luz intensa que iluminou as civilizações antigas, e que, depois da noite da Idade Média, começa novamente de brilhar (1).

A constância dos fenómenos observados, forneceu ali os primeiros subsídios da ciência, e o estudo das leis gerais, numa ânsia de abraçar o conjunto, deu origem à filosofia.

Mas o homem não podia abranger nem dominar o conjunto, e via que as concepções do Belo e do Bem, por serem abstractas, tinham um campo enorme de variação, quando se realizavam concretamente. Porisso deslocou as suas pesquisas para o domínio do concreto, penetrando no *detalhe* e procurando relacioná-lo para ter idéa do Todo. Foi isso que levou o homem a desenvolver a ciência, diferenciando para integrar melhor, analisando para realizar uma mais ampla e profunda sintetização.

Achou aí um campo de variação menor, e, não tendo ainda a consciência clara da sua relatividade, pensou ter atingido alguma coisa de constante — o próprio Absoluto — que êle exprimiu chamando-lhe *Verdade!*

Aprendeu assim a dominar melhor os elementos, e orientando as suas energias aproveitou-as; mas, em vez de integrar os elementos dispersos para realizar o objectivo da diferenciação, perdeu-se no *detalhe*, e, tropeçando nas Formas, só viu aparências transitórias.

A Verdade evolui como o Belo e o Bem, e a sua variabilidade contínua e sem termo, mostra que tendem para um limite inatingível e portanto infinito.

Então, ou desanima exausto de desalento, caindo no scepticismo apologista da ignorância, ou prossegue no Caminho, procurando dominar a sua relatividade, e, através de todas as aparências, assimilar o *Real*.

Porque o Real é a essência particular, a natureza íntima das coisas, que as mantém individualizadas no desfilar eterno das aparências transitórias, quando o consideramos diferenciado; ou a síntese transcendente de todas essas individualizações, se o encaramos na sua generalidade integral. Assim temos o *Real relativo* e o *Real absoluto*, a que podemos chamar respectivamente o *Absoluto realizável* e o *Absoluto realizado*, ou ainda, o *Absoluto perfectível* e o *Absoluto perfeito*.

Com a pesquisa do Real, desponta no espirito a concepção duma *Unidade multiforme* e o monismo aparece.

Quer seja o *idealismo*, quer o *materialismo*, é sempre a mesma Unidade que se procura, embora cada um dêles pretenda excluir o outro. Conciliá-los, resolvendo um no outro, eis o papel do *espiritualismo monista*, representado pelo *Espiritismo*.

E! sem dúvida torturante a pesquisa do ignoto, mas é bem preferível despe-nharmo-nos no abismo insondável do mistério, tacteando na noite do desconhecido, a mantermos a passividade resignada e trágica da ignorância indiferentista.

\* \* \*

Eu creio que a aspiração é o princípio dinâmico criador de toda a realização, a mola oculta do progresso, a fonte do futuro. O tempo é uma aspiração contínua de eternidade.

A nossa existência actual não é mais do que a resultante sintética de aspirações anteriores, e o «*Nada*» é também a forma virtual duma eterna e infinita aspiração de ser. O «*nada*» é, no fundo, o potencial de «*tudo*».

Tôda a aspiração é a tendência Ideal duma eterna saúde, nostálgica de Deus e luarenta de esperança.

Entre a aspiração e a sua realização objectiva, há um mundo de cristalizações

(1) — Pelo cenário em que essas concepções se formaram, não admira estejam eivadas de panteísmo.

subjectivas, em que a Forma não tem a opacidade física illusória e mascarina, mas a transparência etérea, lúcida e reveladora da Idéa que a modelou — o mundo hiper-físico da imaginação!

E' pela aspiração que o homem se aproxima de Deus, e pela imaginação que o concebe. A inteligência humana tem uma parcela divina, e é isso que faz que ela possa exceder-se a si mesma, ultrapassar os limites da sua relatividade e sentir o Absoluto; é por isso que a concepção precede o conhecimento.

A inteligência que conhece, é a inteligência fria e calma, analítica, concreta, sensorial; mas há uma outra forma hiper-sensível da inteligência, ardente e vibrátil, que visiona, que sonha e que delira, a inteligência abstracta que embriaga e arrebatada o próprio espírito — a inteligência inspirada que concebe.

A inteligência penetrante do sábio e a inteligência criadora do génio; a inteligência que sente e a que pressente — eis as duas formas da inteligência humana.

O génio tem qualquer coisa de incomensurável e subtil que o torna incompreensível às multidões ignaras, embora elas sintam bem que é alguma coisa de sublime, cativas e deslumbradas pela acção magnética do seu poder imenso.

E' porque não podem compreendê-lo que às vezes o confundem com a loucura, incapazes de medir o grande abismo que os separa. Porisso o génio e a loucura são os símbolos do incompreensível; um, por excesso; o outro, por defeito.

Os grandes inovadores e reformadores, são sempre os Artistas, os Moralistas e os Filósofos, exactamente porque são aqueles cuja sensibilidade tem relâmpagos de génio. A Idéa só pode ser realizada depois de ser concebida, e assim, eles são os pioneiros do progresso, os propulsores da evolução.

Tanto o Artista como o Moralista e o Filósofo, procuram subir para além do Tempo e do Espaço, confundir-se com o Absoluto na plenitude do êxtase, saindo de si próprios para melhor se conhecerem e abrangerem o Todo. O êxtase não é pois uma forma de aniquilamento, de treva e de silêncio, de insensibilidade, mas a mais alta expressão de plenitude, de luz e de harmonia, de aguda sensibilidade, de máxima aspiração. E' a ascese do espírito para Deus!

O zero das aparências corresponde ao infinito da realidade — *quando a aparência é nula, a realidade é plena.*

Só os conhecimentos inatos podem explicar a existência de profetas clarividentes, vivendo muito acima do nível moral e mental dos homens do seu tempo, e, tanto acima, que em geral trabalham para as gerações vindouras: são os grandes Instrutores da humanidade.

Mas, sendo todos eles inspirados, o Artista voa nas asas da fantasia para essa região ideal que o Moralista vê com o sentimento e o Filósofo com a razão. E' isto que os distingue, porque todos são ébrios de infinito e loucos de beleza.

A um eleva-o a ânsia de Perfeição; a outro, uma sêde de Felicidade; a outro, a vertigem de Deus. Mas a ânsia de Perfeição só em Deus se realiza, e a sêde de Felicidade só nessa fonte se mitiga.

Porisso todos eles se encontram nos páramos do Ideal onde vão beber a sua inspiração.

\* \* \*

Atingidas as noções do Belo, do Bem e da Verdade, e transportadas ao limite, para se tornarem absolutas e portanto constantes, o homem pode conceber nitidamente a idéa de Deus, de que, a-final, aquelas noções são apenas modalidades.

Realmente o Belo é a forma aparente ou sensível do Bem, e a Verdade, o *substractum* ou a essência do Belo.

O Belo, o Bem e a Verdade, são três ideais que só no infinito se realizam e fundem, e portanto são inconcebíveis e irrealizáveis em si mesmos para um sér relativo, (porque são qualidades do Absoluto), embora sejam sempre concebidos e realizados parcial e progressivamente.

E é essa realização parcial e progressiva do Ideal que constitui a lei da evolução, na sua extraordinária amplitude, na sua abismante profundidade.

Todas as idéas humanas podem reduzir-se a estes três tipos; e, sendo a idéa de Deus a idéa culminante, deve absorver e condensar em si todas as outras.

Partindo então destas noções fundamentais, temos formulada uma idéa de Deus, acessível, que satisfaz ao mesmo tempo as necessidades do nosso pensamento e as exigências da nossa finalidade, porque funde todas as aspirações humanas, sem perder o seu carácter Absoluto, devido à noção de limite inatingível.

E se o conhecimento tem por medida a nossa possibilidade de conhecer, todas as idéas hão-de vir expressas na medida das nossas faculdades, (concretizando-as sem as desvirtuar), como qualquer grandeza vem expressa na unidade que serviu de termo de comparação.

O grande escolho das concepções de Deus, tem sido, precisamente, pretendem concebê-lo limitando-o, como se o Absoluto perfeito pudesse encarcerar-se numa forma definida, ou revelar-se sob uma aparência restrita.

Não é a realidade que separa os homens, mas a aparência que é a imagem dela no espelho da consciência e depende portanto do seu ponto de vista.

A primeira fase do conhecimento, consiste na dissociação sensorial da realidade em imagens parciais (variáveis com o ponto de vista, ou seja, a posição relativa) produzindo-se assim o desdobramento do *uno* no *múltiplo*.

Então sucede que, não podendo assimilar nós todas as imagens parciais, porque, não gozando da Ubiquidade, temos uma consciência limitada, com os elementos incompletos que possuímos, não podemos reproduzir a realidade sem deformação, pois não se integraram todos os elementos possíveis.

E como o ponto de vista varia dum indivíduo para outro (e até no mesmo indivíduo provocando a sua evolução) os elementos integráveis variam também, e, com eles, o resultado da integração.

Desta forma, se as concepções humanas não traduzem o Real integral, são constituídas contudo por elementos da sua diferenciação integrados parcialmente; e, integrando depois êsses integrais parciais, deve reproduzir-se o *Real integral*.

A idéa de Deus há-de ser portanto a expressão integral de todas as concepções humanas fundamentais.

Analizando-se a si mesmo, o homem encontra então as noções elementares que, no seu limite e no seu conjunto, constituem a própria noção de Deus.

Se é a aspiração do Belo que predomina e vence, o homem é artista; se é a aspiração do Bem, é moralista, mártir e santo; se é a aspiração da Verdade, é sábio.

A concepção integral de Deus só se atinge pela fusão dos três elementos projectados no infinito: -- é êsse o papel do filósofo.

O Artista procura a linha ideal que tem o segredo de todas as formas, a tonalidade que encerra o mistério de todas as côres, a sonoridade genésica de todas as emoções; e, nas asas da fantasia, procura atingir o Belo absoluto que não é mais do que a forma ideal de Deus.

O Moralista procura o néctar delicioso de todas as consolações, o bálsamo de todo o sofrimento; o manancial eterno do puro amor; e porisso escuta, nas vibrações do sentimento, as harmonias do Bem, que são as próprias vibrações de Deus.

O Sábio busca então, a pedra filosofal de todas as aparências, a vida do que é efêmero no campo do sensível, o domínio dos elementos; e nas preocupações da sua inteligência analítica, procura diferenciar até atingir a substância elementar do sêr, que, no infinito, é a própria essência de Deus — nascente fecunda de toda a possibilidade.

O Artista, o Moralista e o Sábio, procuram cada um sua modalidade de Deus,

e porisso diferem as suas concepções, que, naturalmente, estão de harmonia com a modalidade que concebem (1).

Mas todos procuram atingir Deus no infinito da sua aspiração; todos o sentem porque partiram d'ele e por ele anseiam na plenitude da Vida, embora nenhum d'elles tenha, isoladamente, elementos suficientes para o conceber, porque concebe apenas uma das suas modalidades.

Só o Filósofo pode conceber Deus, porque é um complexo de três individualidades e realiza em si a síntese das três aspirações.

O Filósofo vê no aparente a imagem do Real; no relativo a projecção do Absoluto; na variedade a manifestação da Unidade; e porisso procura a lei que, relacionando o aparente produza o real, a fórmula que, do relativo, deduza o absoluto acessível embora desconhecido, a órbita da evolução que encerre as gradações do Sêr, resolvendo assim a variedade na unidade, e exprimindo a variedade em coordenadas de Tempo e Espaço.

O Filósofo não pode deixar de ser artista, moralista e sábio, para ligar indissolúvelmente o Belo, o Bem e a Verdade no mesmo círculo de luz, realizando a fusão das três modalidades que caracterizam Deus e o definem para nós.

Ao oceano da Vida, todos vimos trazer a nossa gota de água, mais turva ou mais límpida, embora! mas é sempre a mesma gota de água, sequiosa de pureza! Que importa seja turva se ela há de distilar-se mais e sempre pelos séculos em fora? — Homens, uní as vossas gotas de água que isoladas nada valem, e só juntas podem saciar a vossa própria sede!

O pensamento humano a scintilar em vibrações de anseio, vai construindo a Babel da Idéa, para escalar o Céu numa indigência eterna de Perfeição.

E o que há de mais sublime que o amor de Deus, sintetizando em si o amor de quanto existe?

O homem não é grande por saber, mas é grande por conhecer que sabe. O saber existe nele, mas não é obra sua; a sua única obra consiste em descobri-lo, orientá-lo e dinamizá-lo, conhecendo-se melhor, evoluindo sempre!

E o que há de mais justo que prestar homenagem a quem criou todas as possibilidades que o Sêr encerra na virtualidade do desconhecido?

Ai! é certamente Deus o centro de gravidade de t'oda a aspiração, porque para ele convergem todos os caminhos.

ANTÓNIO L. VILELA

**Uma tiragem, em segunda edição, do 1.º número desta revista, determinou o atraso na publicação dêste número, de que pedimos desculpa aos nossos prezados assinantes.**

(1) — Não admira pois que nos cientistas predominem as idéas materialistas porque concebem, por assim dizer, a modalidade substancial de Deus.

# Espiritismo

O conhecimento das forças existentes na natureza é ainda tão incompleto como imperfeito.

Está fora das nossas possibilidades conjecturar, sequer, a influência que um mais amplo saber poderá determinar no futuro da humanidade.

Assim como foi possível viver centenas de anos sem nos apercebermos da electricidade — força estupenda cujas manifestações nos deslumbram cada vez mais a-pesar-de ignorarmos as suas verdadeiras e exactas causas — assim por certo a nosso lado existirão outras forças de alta potencialidade cuja aplicação e estudo hão de conduzir a resultados inconcebíveis, para o desenvolvimento actual do nosso espírito.

Entre essas forças ignoradas destacam-se as que, há umas dezenas de anos, em toda a parte do mundo, estão sendo estudadas por espíritos altamente cultos, atraídos por fenómenos extraordinários que, contra o que geralmente sucede, são condicionados por uma causa inteligente não subordinada como qualquer outra força a leis previstas teoricamente ou deduzidas da observação e do estudo da sua fenomenalidade.

Se leis existem que regulem essas manifestações, escapam por completo à nossa apreciação que todavia não pode deixar de admitir bases das quais elas não se poderão afastar sensivelmente, embora variem infinitamente as modalidades apresentadas à nossa análise.

O conjunto dos fenómenos denominados psíquicos, melapsíquicos, etc., tem sido interpretado de vários modos, sendo porém a teoria espírita, aquela que melhor se adapta à explicação das manifestações e a quasi geralmente aceita por todos os que com perseverança e sinceridade, isenta de preconceito, têm procurado a verdade.

E' indubitável que ao lado de manifestações psíquicas impossíveis de explicar plausivelmente a não ser pela comunicação da alma dos desaparecidos que nos vem afirmar perentoriamente a sua sobrevivência, com detalhes e minudências que permitem a sua perfeita e concludente identificação, há outras que poderão admitir-se como modalidades ignoradas de potência do nosso espírito numa relativa liberdade que lhe permite elaborar produções com realidade objectiva.

Em todo o caso chega-se sempre à conclusão de que é da alma, como entidade completamente independente da matéria, que derivam todas as manifestações observadas, pois que as teorias materialistas, pretendendo explicar com hipóteses inverosímeis as questões de sentimentalismo e sensibilidade extra-corpórea, não bastam à nossa razão.

E' impossível conceber a matéria a orientar por si própria, desde as origens, o desenvolvimento dos seres numa continuidade perfeita e sempre sob os mesmos moldes, sem a intervenção dum princípio inteligente.

E' facto experimental observado que, a-pesar-dos esforços empregados nesse sentido, nunca foi possível dar ao protoplasma aquele dinamismo que constitui a vida, embora se chegue à confecção de produto de composição idêntica.

— Como pretender explicar a formação das células, a sua multiplicação passando pelas diferentes fases carioquinéticas, a constituição dos tecidos, dos órgãos, dos aparelhos, em organismos sucessivamente mais perfeitos até à complicada máquina humana, último aspecto da evolução material terrena, sem reconhecer uma portentosa inteligência orientadora desse progresso incessante?

No nosso complicado organismo como explicar as nossas manifestações inteligentes atribuindo à matéria a origem de todas elas?

Comparar o nosso pensamento a um produto de combinações químicas materiais, é raciocínio contrário à própria análise das perturbações morais provocadas por um espectáculo de miséria, pela perda dum ente amado, que nos imprimem uma tão dolorosa sensação de tristeza, como a efectivação dum intenso desejo, o triunfo duma causa justa ou a contemplação dum quadro da natureza em todo o seu esplendor e harmonia nos fazem passar pelas diferentes gamas do sentir, desde a alegria ao êxtase; são manifestações para as quais não há localização a não ser no espírito imaterial e independente do cérebro que para nós representa o aparelho receptor dessas vibrações no mundo físico. Porque, se se atribuísse ao cérebro a génese do pensamento e das sensações, sendo êle um conjunto de compostos de oxigénio, hidrogénio, azoto, carbono, fósforo, etc., teria de imputar-se a cada um desses elementos ou compostos — incessantemente variáveis — a origem das sensações, pois cada um deles teria necessariamente de contriuir para a potencialidade resultante de todos êles, absurdo que destruiria a unidade do eu pensante de que temos plena consciência e que é incontroversa; além de que, demonstrada como está a instabilidade do organismo humano pela corrente de matéria originada na incessante assimilação e desassimilação, ficaria desfeita a par da nossa entidade intelectual a nossa própria forma física.

Está perfeitamente demonstrada por experiências de grande número de sábios, embora com nomes diversos, a existência duma substância fluídica, intermédia entre o corpo, cuja forma e dinamismo mantém, e a alma, a que serve como que de suporte, denominada corpo astral, elemento êste do nosso sêr psíquico que representa um importantíssimo papel nos fenómenos psíquicos.

A minha razão, em virtude dos raciocínios expostos, admite, portanto, fundamentalmente a existência da alma, mesmo desprezando as suas intensas manifestações que só a acuidade íntima de cada um pode apreender.

Por todos aqueles, pois, para quem a realidade do seu eu imaterial é indiscutível e existente para além da morte do corpo físico, é fácil de admitir, sem forçar a lógica, a sua preexistência antes do nascimento do mesmo corpo, e portanto a vida no campo material como uma fase da vida perpétua.

A análise da evolução da humanidade do nosso planeta faz-nos supor, mesmo alheados dos ensinamentos espiritistas, que êsse adiantamento proveio dos progressos parcelares realizados em vidas sucessivas dos mesmos espíritos, transmigrando por corpos diversos em que a experiência e o saber foram adquiridos à custa de esforços cuja consequência foi um aumento de capacidade científica do espírito humano. A lei reincarnacionista ou das vidas sucessivas impõe-se insofismavelmente.

Esta teoria explica cabalmente a existência de certos indivíduos que desde crianças manifestam conhecimentos desproporcionados com a sua idade, com tendências decisivas para qualquer ramo das artes ou sciências, que por certo era objecto de estudos realizados anteriormente pelo seu espírito, e no qual o predomínio é tão intenso que as reminiscências se conservam mesmo através da barreira material do corpo.

Nas curtas divagações filosóficas que o meu espírito abraça, é hábito meu referir sempre aos conhecimentos tidos como provavelmente certos, adquiridos pelo método positivo, tóda a discussão de teorias psicológicas, fazendo introduzir nelas, para as corroborar, leis que por analogia possam estender-se do campo material ao campo hiperfísico.

Segundo êste critério, duas leis há que inteiramente se encontram nas doutrinas neo-espiritualistas: a lei da evolução e a lei da acção e reacção.

A primeira, verificada no mundo material, isto é, que todos os sêres evoluem gradualmente seguindo uma escala ascensional, desde a célula até ao homem, o mais complexo organismo, introduzida por analogia no mundo psíquico, leva-nos à

concepção do aperfeiçoamento sucessivo da alma até um limite inatingível pela nossa inteligência, se compararmos o progresso realizado desde o homem primitivo até ao homem actual.

A segunda, enunciada em física : um corpo que exerce sobre um meio uma determinada acção provoca nesse meio uma reacção igual e contrária, levada ao mundo moral, revoluciona de tal forma as idéas de recompensa e castigo a que falsamente nos induzem as crenças religiosas, que o nosso espírito entrevê a justiça em toda a sua magestade, a bondade em toda a sua grandeza, a misericórdia em toda a sua amplitude e o perdão em toda a sua magnanimidade.

Já não há réprobos votados ao penar eterno, nem justos entregues a uma beatitude perpétua. Todo o acto há de ter a sua consequência fatal e iniludível.

Os actos maus arrastarão quem os cometeu a sofrer justamente o mal que ocasionaram, como reacção impossível de impedir, como os bons terão um lógico efeito, traduzido no espírito por uma maior subtilidade e expansão que lhe permitirá o conhecimento das forças superiores, e a sua utilização no progresso individual, no auxílio aos mais desprotegidos, enfim, num labor contínuo e crescente para a perfectibilidade.

Todos os sofrimentos devem pois ser aceitos com resignada indiferença visto que fomos nós quem os determinou por nos termos desviado em qualquer período da nossa vida, das leis morais inatas na nossa consciência. A certeza dessa noção diminui espantosamente a dor que é o elemento terapêutico eficaz, destinado a refazer o equilíbrio descompensado da nossa conta corrente moral.

A justiça reveste assim o aspecto de um automatismo irresistível e grandioso.

Quis demonstrar com as palavras precedentes, que se podem deduzir da análise ponderada das coisas, raciocínios idênticos às lições que nos são ministradas pelos espíritos dos desincarnados, ansiosos por fazer sentir aos seus amigos que existem, unânimes em proclamar a immortalidade da alma essencialmente progressiva através de vidas sucessivas, resultantes umas das outras ; a vantagem de abreviar por uma conduta recta, pautada rigorosamente pelas leis da humildade, da caridade e do amor ao próximo tal como no-las prègou Jesus e se contém no sublime código moral que se chama Evangelho, expurgado das interpretações errôneas que os partidários das várias seitas cristãs lhe teem dado.

Os ensinamentos obtidos em toda a parte do mundo, através duma legião de médiuns, condizendo entre si, provam bem o desígnio que os determina : levar o homem à espiritualidade, pela prática do bem, única via do progresso.

Antes de terminar, ainda me quero referir à especulação que infelizmente se faz com o rótulo de espiritismo, verberando o proceder indigno de quantos à sua sombra o abandalham, auferindo lucros de pretensas faculdades que só devem ser postas com abnegação e desinterêsse ao serviço da sciência, para o estudo dos fenómenos cuja exteriorização é susceptível duma análise positiva e experimental ; da filosofia, para a concatenação das doutrinas que esclareçam a origem e finalidade do homem e as leis da vida universal ; da religião, para estabelecer por êsses ensinamentos bases que amparem a humanidade na ingrata vida terrena, inspirando confiança na incerteza e levando consolação a tanta dor.

PEDRO CARDIA

## O Mito Satânico

A Fôrça criadora do Bem e do Mal é o Akâsa dos *tattwas*, o primeiro dos éteres que o Grande Sôpro em movimento lança em cinco estados diferentes que são, por sua vez, os potenciais do som, do tacto, da visão, do paladar e do olfacto. Tem as suas formas diferentes, as suas côres definidas, e as suas características secundárias: — Espaço, Locomoção, Expansão, Contractão, Coesão e Doçura. Todas as suas enormíssimas diferenças são obtidas por singelas modificações. Pode chamar-se-lhe também Luz Astral, a *Alma-Mater* da qual tudo se gerou por separação ou diferenciação.

Esta Luz, *ainda não luminosa*, — em potencial — ou esta Fôrça como lhe queiram chamar, ocupa o Espaço infinito e limita-se no Espaço, sendo a um tempo o seu sexto e sétimo princípio.

Se a sciência não descurasse, como geralmente descura, o estudo espiritualista, teria há muito descoberto a verdade no que respeita à «*Essência Real*» e compreenderia, aceitando como infalível, a Lei do Karma.

O mito satânico nas várias religiões e filosofias é multiforme, o que não impede que o investigador o profunde e se indigne do grande mal que por êle se tem feito à Humanidade.

Tanto o grande Tentador como o grande Redentor, existem em nós. E, não poderíamos evoluir sem o puro princípio que irradia do Mental Divino a que se chama a Inteligência. E' por ela que sairemos dêste antro onde piedosas ilusões de visão e de pensamento nos ocultam as tristes e amargas realidades, para nos darem fôrça e tenacidade para levar a bom fim tão difficil empresa, como é a da nossa saída dêste sistema planetário, trabalho difficilimo e que só conseguiremos estando de acôrdo com a Fôrça Espiritual e combatendo a Fôrça da Matéria — o instinto animal, onde prevalece o egoismo.

Este ponto é muito digno de meditação e é o fio condutor para se levarem a cabo magníficas descobertas que lançarão no espírito — primeiro, pavor e pismo como sucedeu a Pierre Loti, segundo êle próprio o confessa, e depois de lhe terem ministrado uma compreensão nítida do Universo e das nossas funções neste planeta uma confiança absoluta no destino humano.

\*

— Satan existe? — Não.

— O que é que *com êle* se procura simbolizar?

Eis um outro ponto digno de funda meditação e quem medita encontra sempre soluções inesperadas e profundas.

As *chaves* com que se abrem as portas dos mistérios da Natureza estão ao alcance de todas as mãos. Dir-me-hão que as quatro últimas estão nas mãos dos grandes iniciados; mas está ao alcance de todos ser grande Iniciado. E' uma questão de tempo e de trabalho. E que é o tempo ante a eterna duração?! Uma das nossas grandes ilusões, talvez.

Um dos nossos males ao estudar uma questão complexa é confundir, frequentemente, as causas com os efeitos. Assim é preciso que não se enganem tomando o Espírito da Terra como se êle fôsse o Absoluto.

A Alma da Luz Astral é divina e o seu corpo, *as ondas de luz nos planos inferiores*, é infernal. Assim sucede no homem onde também a Natureza inferior é a sombra ou reflexo, como melhor entendam, da Natureza Superior.

— O que é o mal?

E' a *reação, a oposição e o contraste*. E' o mal para uns e o bem para outros. Se nos entregarmos a uma análise conscienciosa, veremos que o mal não existe verdadeiramente. O Bem e o Mal são os dois polos da mesma força e não poderiam existir um sem outro, como não há luz sem sombra.

A consequência natural da evolução mental, afirma um dos maiores ocultistas, é o que é espiritual transformar-se em material, ou físico, e essa mesma descida preparar a reação da volta à espiritualidade.

Satan foi, de todos os tempos, o adversário de Sat. A imaginação dos povos viu nele uma figura horrível e criou um *elemental artificial* que diverge inteiramente da formosa imagem que geralmente simboliza a «*Causa das Causas*» na matéria ou a sombra de Deus, como mais agrade.

Que de coisas interessantes e curiosas me acodem em tropel ao pensamento sobre tão interessante assunto!... No campo das hipóteses a imaginação solta-se e é difícil condicioná-la à limitação. Com pena me obrigo a não sair das afirmações *dos que sabem*. Mas é tão interessante a análise que não resisto, (evitando profundar e deixando a cada um esse trabalho que lhe cumpre), a fazer ligeiras observações. «*O que está em cima é como o que está em baixo*» — conceito herético e profundo duma síntese universal e admirável.

Quanta luz esta soberba frase derrama nos espíritos!... Analizemos muito superficialmente as fases da matéria que segue o Absoluto como sombra, não em todas as suas fases evolutivas, mas naquilo que importa a este artigo. Do Akâsa, a primeira manifestação, veem todas as formas e é nele que toda a forma subsiste e este éter interpõe-se em cada grupo de dois, entre os cinco *tattwas*, e entre cada grupo de dois entre os cinco princípios.

Cada *tattwa* possui uma fase negativa e outra positiva; os pontos mais frios, mais distantes do centro são os negativos, em relação aos mais próximos. Quere dizer: *os mesmos que são positivos para uns são negativos para outros*, da mesma forma aqueles seres que no plano físico se aproximam, pela ardente chama do Amor, do Princípio dos Princípios, são positivos, e os que se distanciam são negativos, mas serão positivos para outros mais distantes. Do mesmo modo sucede com o mal.

E' isto, a meu ver, uma prova irrefutável. Sempre que se estuda o infinitamente Grande compreende-se o infinitamente pequeno, como scentelha parcelar do Grande Todo.

Que de coisas belas se não encontram, por analogia, estudando os primeiros estados da matéria, vendo como nesse oceano infinito brilha a Inteligência Divina e como por ela — porque o seu reflexo ainda lhe pertence — nós podemos bradar a toda a consciência aflita pelos terrores do inferno: — Satan não existe. Tudo é Amor na obra do Grande Sêr que criou este Universo. Meditem sobre a grandeza dos seus ideais e sobre a mesquinhez dos nossos terrores.

Na verdade, tem sido o catolicismo quem mais tem explorado o mito satânico ao sabor dos seus interesses inqualificáveis.

A Igreja Romana infiltrou na alma humana um dos mais perniciosos elementos de pavor e de desequilíbrio psíquico.

Todos nós devemos praticar o Bem, não pelo receio dessa ridícula e arcaica fantasmagoria que é Satanaz, mas, sim, como nossa finalidade evolutiva e como preito de homenagem ao Infinito Amor — **Deus**.

Vai longo este artigo, ainda que sintético. Há aqui muito que profundar, muito que descobrir. Faço votos para que, se os leitores se não aborrecerem, encontrem nele e nos subseqüentes, motivo para desejarem harmonizar a sua consciência com a Consciência Universal, sentindo a atracção que deriva do Puro e Eterno Amor e nos ilumina o espírito da letra, sem o qual toda a leitura e todo o estudo é vão e estéril.

MARIA O'NEILL

# A ALMA HUMANA

(NEO-PSIQUISMO EXPERIMENTAL)

## I I

— O perispírito é organizado do fluido cósmico universal ou é duma essência especial?

— Sua natureza é tão misteriosa como a sua acção, exercida sôbre o espírito que reveste e corporiza e sôbre a matéria que mentaliza, como diz, talvez com pouca propriedade, Henri Constant, em consequência de se orientar na falsa homogeneidade do perispírito ou corpo astral, como sucede, infelizmente, com alguns escritores espíritas, arredados das experiências metapsíquicas contemporâneas.

As experiências mais modernas, sobretudo realizadas depois de 1912, comprovam que o perispírito é constituído de matérias fluidicamente diferenciadas, gradualmente mais subtilizadas, adaptadas às suas variadas funções psíquicas, constituindo departamentos autónomos, desde o emocional ao volitivo e consciencial, verdadeiro laboratório do nosso dinamismo fisio-psicológico, existindo um paralelismo e reciprocidade de acção solidária entre estes departamentos, *individualizados para cada sêr*, e os planos correspondentes do Universo, onde o perispírito vai absorver os fluidos similares para a organização e vitalização das suas camadas, que, em última análise, são *as almas secundárias* de Lefranc e Lancelin, como teremos ocasião de descrever.

\* \* \*

As funções, de que está incumbido o perispírito ou corpo astral, são múltiplas, e algumas de importância capital para a racional explicação de muitos fenómenos considerados misteriosos e inexplicáveis, encontrando, no entanto, a sua explicação natural e lógica na constituição, natureza e dinamismo do perispírito.

A fisiologia demonstra-nos, com plena evidência, que consumimos todas as células do nosso corpo físico no turbilhão vital da assimilação e da desassimilação, resultante de variados e complexos fenómenos fisio-químicos e biológicos, destruindo todos os materiais do nosso corpo carnal em poucos anos — para alguns fisiologistas em menos de sete anos — tendo de ser reparado em totalidade várias vezes, mesmo numa curta existência.

No entanto não perdemos o nosso tipo físico que se mantém inalterável neste turbilhonar constante, onde novas células se sucedem às células caducas numa velocidade vertiginosa, devido à acção orientadora do perispírito em todas as remodelações anatómicas e até nas reparações patológicas, fixando e individualizando a nossa personalidade aparente e transitória.

Esta atitude do perispírito, intrínseca à sua dupla finalidade construtiva e orientadora, é o reflexo e complemento da sua acção directriz sôbre o embrião de todos os sêres, e, em especial, sôbre o feto humano, a quem imprime, durante a gestação, as formas e a plasticidade necessárias — *normais e anormais* — de que é o arquétipo, às provas e missões que o *reincarnado* vem realizar no plano terrestre, em harmonia com a expiação, provações, reparações e progresso que o espírito tem

de realizar em cada reencarnação, determinadas pelas leis inflexíveis, imutáveis, eternas, universais, portanto divinas, expressas na grande e admirável lei da evolução espiritual, essencialmente evolutiva, através das leis secundárias e subsidiárias do reincarnacionismo ou das vidas sucessivas e da lei inexorável de justiça indefectível da causalidade ou kármica, num justo e racional entrelaçamento de causas e de efeitos, por vezes inextrincáveis no complexo domínio do psiquismo humano, lógicas resultantes das suas vidas passadas, quer no plano terrestre, (incarnados), quer nos planos astrais, (desincarnados), na mesma linha de continuidade progressiva.

As decantadas leis da hereditariedade, todo o atavismo e ancestralidade colateral, que a ciência oficial materialista concepciona como base fundamental do transformismo e da evolução das formas, tem apenas um valor mínimo e secundário nos caracteres somáticos e ainda menor sobre os caracteres morais e intelectuais, inerentes ao perispírito, constituindo a sua individualidade real, trazendo arquivado, para cada ser, todos os progressos das suas vidas passadas, patentes nas tendências inatas. Só assim poderemos compreender que pais justos e bons produzam criminosos e scelerados, e, reciprocamente, pais saturados de vícios repelentes tenham filhos dignos e de nobres sentimentos, e ainda dentro de próprios irmãos exista a maior diversidade e antagonismo das faculdades morais, estéticas e mentais.

As crianças prodígios, os génios, só podem ser compreendidos racionalmente como legítimas resultantes de grandes progressos realizados nas suas vidas passadas, através da pluralidade das suas existências multimilenárias no espaço e no tempo.

O nosso corpo físico, a quem prestamos homenagens imerecidas, levando-nos, injustificada e vaidosamente, a tantos sacrifícios e a tantíssimos crimes, é apenas um mísero instrumento do perispírito, neste residindo toda a natureza e operatividade da nossa individualidade real que o espírito regula e mantém, mais ou menos intensa e directamente à medida da nossa evolução espiritual, como *ego real*, através do infinito e da eternidade.

O perispírito é o homem invisível aos nossos deficientíssimos sentidos físicos, mas interpenetrando todos os escaninhos do homem visível e material, impulsionando-o, orientando-o na estrada tenebrosa das vidas astrais e terrestres, animando-o, encorajando-o na áspera *via crucis* do seu calvário de resgate kármico até à redenção, para depois atingir nas ondulações da grande evolução espiritual uma grandeza supra-humana na plena eflorescência das virtualidades divinas que acalenta no seu bendito seio.

O corpo físico é o miserável casulo donde sairá a borboleta alada e policroma — a alma ou perispírito — desferindo o vôo da libertação à hora aurea da morte — *arco de triunfo para os que souberam remir as suas dívidas kármicas*.

Morte e inferno são os ergástulos onde a ignorância e a má-fé algemaram a alma humana.

E' tempo desta desvairada humanidade se libertar destes pesadelos que a oprimem, fustigando para as galés do esquecimento estes dois fantasmas que atravancam o caminho glorioso e radiante da sua evolução espiritual.

Nem religião sem ciência; nem ciência sem religião...

*Continua.*

ANTÓNIO J. FREIRE



**Dr. Adolfo Sena**

Professor da Faculdade de Ciências  
da Universidade de Lisboa



**Dr. Alberto Zagalo Fernandes**

Antigo Presidente da Federação  
Académica de Lisboa

---

**E**NVOLTOS na nossa saudade, resignados na nossa crença, desprenderam-se da vida terrena os nossos queridos amigos e ínclitos confrades—Drs. Adolfo Sena e Alberto Zagalo Fernandes.

A Federação Espírita Portuguesa perdeu dois dos mais ilustres e dedicados membros do seu Conselho Superior Deliberativo, e esta revista viu partir, saudosamente, para os espaços siderais, dois dos seus melhores e mais queridos camaradas da sua Comissão Directiva.

Felizes dos que confiam plenamente — pelo sentimento e pela razão — no amor de Deus, manancial inexgotável de bênçãos e de consolações.

Felizes de nós, para quem a Morte não quebra os laços da Vida, nem é uma barreira intransponível do mistério, como um fantasma da treva que ferisse uma amizade fraternal com o punhal do silêncio.

Felizes de nós, que nos despedimos dos nossos mortos queridos como dum viajante que parte — calmo e confiante — para essas lindas regiões do Além onde a hipocrisia não medra, e só o amor e a justiça imperam.

Por isso o nosso adeus — Queridos Amigos! — é suave como a esperança, luminoso como a aurora, reconfortante como um beijo de mãe.

As vossas almas diamantinas saberão abrir sulcos de Luz lá como aqui.

Bendita seja a crença que ilumina o cérebro e fortalece o sentimento, acendendo o luar da esperança na noite da Saudade...

A COMISSÃO DIRECTIVA

# A PASTORAL

DO

SENHOR ARCEBISPO DE BRAGA

O diário católico desta capital — « **Novidades** » — de três, quatro e cinco de Março, insere, dividida em três longos artigos, a já *célebre* pastoral do Primaz das Espanhas, Senhor de Braga, etc.. etc.

Esta pastoral, tão anti-científica, quanto anti-cristã — **triste mensageira dum furibunda excomunhão para os Espíritas da Arquidiocese de Braga e para a revista espiritista "Luz e Caridade"** — é um acerbo de refalsadas calúnias contra o Espiritismo, onde sopra a mais crassa ignorância dos seus princípios básicos de parelha com o mais malévolo e odiento espírito sectário.

Estas verdades ressaltam à primeira leitura; mas vamos demonstrá-las.

Perdôe-nos, Sua Excelência Reverendíssima, mas na sua pastoral não encontramos nem a elevação moral, que deveria ser o timbre dum luminar da Igreja Romana, nem tão pouco esse liberal espírito crítico, baseado no conhecimento e no bom-senso comparativo, apanágio de todos aqueles que, libertos da ortodoxia científica ou religiosa, pretendam analisar um assunto tão transcendental e complexo como é o Espiritismo no seu tríplice aspecto: científico, filosófico e social-religioso.

Sabemos bem quanto estão abalados e carcomidos os alicerces da Igreja Romana, batidos pelas fôrças intrínsecas dos seus dogmas e do seu mercantilismo, que de há muitos séculos assentaram arraiais a dentro do Vaticano, deturpando e apunhalando uma religião tecida de Luz, Perdão e Amor, irradiando do mais belo marco milenário da nossa civilização — o Gólgota.

Os mais formidáveis inimigos da Igreja Romana são, precisamente, os seus representantes oficiais, que numa galopada de vaidades e de egoísmos, contrastando com os princípios orgânicos do Cristianismo, a tem precipitado no abismo do descrédito e do ridículo, semeando o ateísmo.

Nos três primeiros séculos da primitividade cristã, em que Cristo reinou nos cérebros e nos corações dos seus apóstolos, alguns indo até ao martiriolégio em rasgos de coerência e de fidelidade, de abnegação e de altruísmo, em que a pureza da doutrina era dignificada pela palavra catequética e, muito especialmente, pela exemplificação dos seus sublimes ensinamentos, a Igreja Católica era na verdade cristã, representando o genuíno pensamento do seu admirável fundador — o maior dos maiores Iluminados que desceu a este planeta.

Mas depois — oh, depois! — Cristo na impossibilidade de expulsar os vendilhões da sua Igreja, onde a humildade era transformada na mais irritante e vaidosa opulência, onde a caridade era espesinhada pela mais sórdida ganância e soberba, onde a mansidão era apunhalada pelas mais repelentes e cruéis perseguições e rapinas, onde só reinava a mais desenfreada ambição temporal à custa das maiores misérias e perversões morais, Cristo, triste e magoado, doce e suavemente vertendo cruciantes lágrimas de sangue sôbre a mais hipócrita mentira religiosa dos nossos tempos, alou-se a outras mansões. . .

**Excelência Reverendíssima:** Esta revista nunca desejou, nem deseja combater credo algum religioso, quando bem intencionado. E' a intenção que constitui o verdadeiro carácter moral, sejam quais forem os resultados dos actos praticados. E' ela que fica vincada indelêvelmente nos nossos corpos psíquicos — na nossa aura anímica, espelho da nossa evolução espiritual.

A finalidade desta revista é construtiva e não destrutiva, visando vulgarizar os princípios básicos do Espiritismo, reconstituindo o Cristianismo integral — **em espírito e verdade** — de que tão divorciada se encontra a Igreja Romana.

Todos nós sabemos que a lei da evolução espiritual — única real e permanente no espaço e no tempo — determina que cada religião se adapte ao grau evolutivo da espiritualidade dos diversos povos e de cada individuo em particular, como função do seu progresso psíquico. O fetichismo na África Central tem uma missão tão necessária como o Budismo na Ásia. É questão apenas da escala dos valores evolutivos. Não há discontinuidade ou lacunas na linha de ascensão progressiva. Não se toma de assalto o vértice do cone da evolução, no seu triplo aspecto: estético, intelectual e moral — três vias divergentes do mesmo foco — o Bem, o Belo e a Verdade — como se conquista em bloco uma fortaleza desmantelada.

Tendo nós, espíritas, uma justa compreensão da **grande lei da evolução espiritual**, *alma-máter* de todos os progressos realizados e a realizar, onde está consubstanciado o Divino Amor aliado à Indefectível Justiça, sabemos que há de ser pelo automecanismo dessa lei imutável e eterna — de cuja essência deriva a vida — que se opera todo o movimento progressivo, impulsionando nas suas espiras evolutivas o criminoso e o cretino para mais adiante, no arco ascendente duma nova curva, os elevar às culminâncias dos justos e dos génios, por vezes à custa de esforços milenários, através de múltiplas vidas sucessivas, regidas pela inexorável lei da causa e efeito ou kármica, de efeitos análogos e paralelos, tanto nos departamentos físico-químico do plano terrestre, como nos domínios psíquico e moral do plano consciencial.

Ao contrário do catolicismo, o Espiritismo não vê réprobos, nem alma alguma irremediavelmente perdida e condenada a penas infernais eternas. A Igreja Romana cometeria um absurdo, limitando O Infinito Amor, se não cometesse o maior dos sacrilégios e a mais monstruosa blasfêmia, fazendo descer Deus à miserável condição dum algôo cruento e sanguinário de requintada ferocidade inquisitorial, estabelecendo penalidades eternas a crimes limitados no espaço e no tempo.

O Espiritismo vê apenas, entre os criminosos mais empedernidos, seus legítimos irmãos, com a mesma origem e finalidade, irmãos mais ou menos atrasados no seu grau de evolução, por vezes, retardatários, que não quiseram ou souberam ainda dinamizar as sublimes virtualidades que todos trazemos em gérmen na scintilha divina que é o nosso espírito, e de que o nosso corpo físico, efémero e perecível, é apenas um misero instrumento, necessário ao nosso progresso em cada incarnação terrestre e adaptado ao plano físico onde temos de agir e de progredir à custa do nosso esforço individual.

Cada vida terrena é simultaneamente uma colheita e uma sementeira. Colheremos, irremediavelmente, as justas resultantes dos bons ou maus actos praticados nas vidas anteriores. É o fatalismo que prende a causa ao efeito, tanto na terra como no astral, tanto nos laboratórios da física e da química, como nesse laboratório complexo do metapsiquismo da alma humana. Mas se fatal, justa e logicamente teremos de colher o que tivermos semeado nas vidas anteriores — espinhós cruciantes ou flores esplendorosas — em compensação, somos libérrimos em preparar novas sementeiras em cada nova vida, no pleno uso do nosso livre arbitrio, cuja colheita será feita a seu turno na futura pluralidade das nossas novas existências, em luminosas curvas evolutivas, que desafiam o espaço e o tempo através do infinito e da eternidade.

Em cada vida planetária existe o fatalismo dos efeitos procedentes de causas produzidas em vidas passadas, e a liberdade na escolha de novas causas — representativas dos nossos actos bons ou maus — cujos efeitos se irão repercutir *fatalmente* nas nossas vidas futuras. Assim se conciliam as duas escolas rivais: — livre arbitristas e deterministas.

Cada vida é, pois, um justo e lógico entrelaçamento de causas e efeitos concomitantes, por vezes, difíceis de destrinçar, mas sempre justos e lógicos, regidos pelas leis reincarnacionista e kármica, pontos de apoio da grande lei da evolução espiritual, abrangendo todo o Universo.

Estas três leis imutáveis e eternas são o fulcro de todas as correntes neo-espiritualistas e estão comprovadas experimentalmente através duma bibliografia, tão rica em quantidade, como em qualidade.

Se cada uma destas leis é função dos atributos divinos, impondo-se pela beleza moral que deriva de cada uma por si; — no seu conjunto, na sua inter-dependência, na sua recíproca engrenagem, deixam-nos maravilhados pelos esplendores de Justiça e de Amor nas suas resultantes finais que é toda a nossa evolução.

Assim compreendemos, nítida e claramente, como através do mais límpido cristal, todas as tendências inatas, todas as diferenças sociais, todas as alternativas do destino, todas as facilidades e obstáculos no caminho de cada vida. A dor ao lado da alegria, a pobreza rastejando aos pés da opulência, o génio iluminando o estúpido, o sábio ensinando o ignorante. Frutos da mesma árvore divina, mas diferenciados no seu estado de desenvolvimento e maturação, mantendo embrionariamente as mesmíssimas potencialidades ao sol bendito das reincarnações, accionado pelo esforço individual.

E' a lei das reincarnações que dá a chave para a solução de tantíssimos mistérios na história das civilizações dos povos e para a vida particular de cada indivíduo, através dos ciclos da História da Humanidade.

Não existe boa nem má sorte, nem tão pouco graça ou predestinação, o que seria a maior das iniquidades, representativa dum favoritismo divino que só o Catolicismo aceita e explora.

O acaso e o milagre representam um erro crasso e só traduzem o desconhecimento da lei que os determinou.

Os milagres que a Igreja Romana apregoa, para se locupletar à custa da ignorância e do fanatismo, são tão anti-científicos quanto blasfematórios da Omniciência Divina.

— Como se Deus revogasse alguma das leis que regem o Universo!!!...

A predestinação, admitida pela Igreja Romana, é o maior sacrilégio perante a Justiça Divina; a confissão é o maior opróbrio lançado à consciência humana; as indulgências plenárias — *a tanto por cabeça* — o maior abuso de confiança dos tempos modernos.

E' precisamente, para defender este ignóbil mercantilismo, que a Igreja Romana colocou a luz radiante dos Evangelhos *debaixo do alqueire*, para assim dominar as consciências nas trevas e na ignorância, sonegando a lei das reincarnações, deturpando todo o sentido esotérico do Cristianismo.

A Igreja Romana desabarará irremediavelmente à medida que se fôr alargando o conhecimento das leis reincarnacionista e kármica, expressas nítida e insofismavelmente nos Evangelhos.

Transcrevemos alguns versículos:

« *Em verdade te digo que, se alguém não renascer de novo, não poderá ver o reino de Deus.* » (S. João, III, 3). Assim falava, com toda a clareza, Jesus a Nicodemus.

Jesus afirma ainda a lei das reincarnações duma forma concreta e precisa, considerando João Baptista como uma reincarnação do profeta Elias:

« *Que saístes a ver? Um profeta? Sim, eu vo-lo declaro, e mais do que um profeta. E, se o quereis compreender, êle é o próprio Elias que devia vir.* — *O que tem ouvidos para ouvir, ouça.* » (Mateus, XI, 9, 14 e 15).

Depois da decapitação de João Baptista por Herodes Antipas, Jesus de novo afirma aos seus discípulos que Elias e João Baptista eram uma mesma e única individualidade, correspondendo a duas reencarnações :

«E seus discípulos o interrogaram dizendo : Porque, pois, dizem os escribas que importa vir primeiramente Elias? — Ele, respondendo, lhes disse : — Elias, certamente, devia vir e restabelecer todas as coisas. Mas eu vo-lo digo : Elias já veio e êles não o conheceram, antes lhe fizeram quanto quizeram. — Então conheceram seus discípulos que de João Baptista é que êle lhes falara.» (Mateus, XVII, 10, 11, 12, 15).

Ficamos por aqui nas transcrições dos versículos dos Evangelhos, mas muito mais haveria a transcrever e a comentar, ficando para melhor oportunidade.

A pluralidade das existências era idéa corrente e incontroversa na primitividade cristã, e em todo o esoterismo oriental e ocidental, e ainda nos melhores sistemas filosóficos.

Os mais ilustres padres da igreja eram partidários da reencarnação ou renascimento dos espíritos, como Origenes, Tertuliano, S. Agostinho, etc.

O abade Bérault-Bercastel — «História da Igreja» — resume assim a opinião de Origenes :

«Segundo êste doutor da igreja, a desigualdade das criaturas humanas não representa senão o efeito do seu próprio merecimento, porque todas as almas foram criadas simples, livres, ingénuas e inocentes por sua própria ignorância, e todas também por isso, absolutamente iguais. O maior número incorreu em pecado e, na conformidade de suas faltas, foram elas encerradas em corpos mais ou menos grosseiros, expressamente criados para lhes servir de prisão. Daí os diversos procedimentos da família humana.

Por mais grave, porém, que seja a queda, jãmais acarreta para o espírito culpado o retrocesso à condição de animal; apenas o obriga a recommear novas existências, quer neste, quer em outros mundos, até que, exausto de sofrer, se submeta à lei do progresso e se modifique para melhor. Todos os espíritos estão sujeitos a passar do bem ao mal e do mal ao bem.

Os sofrimentos impostos pelo Bom Deus são apenas medicinais, e os próprios demónios cessarão um dia de ser os inimigos do bem e o objecto dos rigores do Eterno.»

— Qual é pois a razão porque o Catholicismo considera as reencarnações como uma heresia e os espíritos como heresiarcas, como *reza* a Pastoral?

— O motivo é simples e transparente como cristal. No dia em que os fiéis católicos queiram compreender a pluralidade das suas existências, numa estreita e íntima solidariedade de causas e efeitos, mandarão ao **diabo** o inferno, purgatório, água-benta, bulas, indulgências, confissionários e sacristias, precisamente os únicos sustentáculos da Igreja Romana.

Este obscurantismo em que Roma conserva os seus fiéis, deslumbrando-os com as pompas pagãs das suas festividades e liturgias, é a única forma de ir tosquiando, arteira e melifluamente, as suas ovelhas... *ad majorem Dei gloria*.

A fórmula exclusivista e sectária.— *fora da Igreja Romana não há salvação* — representa uma das mais malignas mistificações lançadas à consciência humana, e uma das mais sacrílegas afrontas a Deus — Infinito Amor — Pai Amantíssimo que não deixa perder nenhum dos seus filhos, pelas leis sábias e justas que envolvem e dinamizam todo o Universo.

Só o homem é o árbitro da sua via progressiva, derivando a sua responsabilidade do seu livre arbítrio e da sua consciência moral, e tôda a sua evolução

será o produto do seu esforço próprio. As linhas de evolução variam ao infinito de indivíduo para indivíduo, e no mesmo indivíduo em harmonia com o seu grau evolutivo; mas todos, invariavelmente, tem o mesmíssimo ponto de partida e de finalidade.

O homem, por enquanto, só está na posse de verdades relativas, variáveis no espaço e no tempo. A verdade integral só é apanágio de Deus, e não da Igreja Romana, nem de confissão alguma religiosa.

\* \* \*

E' para o experimentalismo espiritista que converge mais particularmente o ataque da Pastoral.

Segundo a *douta* opinião do Senhor Arcebispo de Braga, — *as sessões espiritistas são presididas e determinadas por Satanaz, conduzindo à loucura como manifestações diabólicas.*

Sua Excelência Reverendíssima intencionalmente faz estas graves afirmações, para lançar a perturbação no ânimo de todos aqueles que desconhecem a mecânica dos trabalhos experimentais do Espiritismo, estudos que estão sendo feitos pelos maiores sábios da actualidade, desde *sir* Oliver Lodge — o grande mestre da física moderna — até ao Dr. E. Osty, ilustre director do Instituto Metapsíquico Internacional de Paris, que a própria França descrente e negativista reconheceu de utilidade pública, pelo decreto de 23 de Abril de 1919.

Sua Excelência Reverendíssima, ou por ignorância ou por má fé, confiado na impunidade da nossa tolerância e na brandura dos nossos costumes, não medindo, talvez, a gravidade das suas afirmações, nem se deu ao trabalho de comprovar as suas insólitas e habilidosas afirmações, que, graças a *Satanaz*, ficam pulverizadas no ridículo.

Realmente o Espiritismo não poderia escapar ao argumento supremo de que a Igreja Romana lança mão em todos os seus lances apertados — o Diabo.

Tem sido o seu tagante predilecto para escravizar pelo terror a pobre humanidade, algemando-a ao sabor dos seus interesses, dos seus ódios e das suas paixões.

O inferno é a espada de Damocles suspensa sempre sobre os seus fiéis.

Por vezes — muitas vezes, até — é tal o poder que a Igreja Romana confere a *Satanaz* que a Omnisciência e Onnipotência Divinas ficam reduzidas a um ínfimo e mesquinho limite.

Tremenda blasfêmia, mas cómoda e rendosa para o Catolicismo.

*Satanaz* representa para a Igreja Romana a fonte germinal dos seus melhores proventos e pingues oblatas.

E', pois, compreensível que esta mórbida entidade — papão só vincado em cérebros enfermiços e fanatizados — seja vitalizado tão carinhosamente pelo Catolicismo, que, demais a mais, tem de Deus uma idéa estultamente antropomórfica, sacrilégamente humanizada.

Os estreitos limites dêste artigo não nos permitem descrever aqui o mecanismo do experimentalismo espiritista que todos os estudiosos podem encontrar em dezenas de volumes de autores consagrados no mundo da sciência e das letras. Há catálogos em profusão e em todas as línguas.

E' ainda dentro dos Evangelhos e das maiores autoridades da Igreja Romana que temos o prazer e a subida honra de responder a Sua Excelência Reverendíssima, o Senhor Arcebispo de Braga.

Léon Denis, na sua obra magistral — **Cristianismo e Espiritismo** — expressa-se assim :

«Os primeiros cristãos comunicaram-se com os espíritos dos mortos e dêles recebiam ensinamentos. Nenhuma dúvida é possível sobre êste ponto, porque são abundantes os testemunhos. Resultam dos

próprios textos dos livros canónicos, textos que conseguiram escapar às vicissitudes dos tempos e cuja autenticidade é indubitável.

O Cristianismo repousa inteiramente sôbre factos de aparição e manifestação dos mortos e fornece inúmeras provas da existência do mundo invisível e das almas que o povoam.

Essas provas são igualmente abundantes no Antigo e no Novo Testamento. Num como no outro se encontram aparições de anjos, dos espíritos dos justos, avisos e revelações feitos pelas almas dos mortos, o dom da profecia e o dom de curar.

No Novo Testamento são referidas as aparições de Jesus mesmo depois do seu suplício e da sua morte.

A existência de Jesus havia sido uma constante comunhão com o mundo invisível. O filho de Maria era dotado de faculdades que lhe permitiam conversar com os espíritos. Estes muitas vezes se tornavam visíveis a seu lado. Seus discípulos o viram, assombrados, conversar um dia no Tabor com os espíritos de Moisés e de Elias.

Nos momentos críticos, quando uma questão o embaraça, como no caso da mulher adúltera, Jesus evoca as almas superiores e com o dedo traça na areia a resposta a dar, do mesmo modo que em nossos dias o médium, movido por uma fôrça estranha, traça caracteres no papel.

As aparições de Jesus Cristo são conhecidas e tiveram numerosos testemunhos. Apresentam flagrantes analogias com as que em nossos dias são observadas, em diversos graus, desde a forma etérea, sem consistência, com que aparece a Maria Madalena e que não suportaria o mínimo contacto, até à completa materialização, tal como a poudé verificar o apóstolo Tomé, que tocou com a própria mão as chagas de Cristo. Daí êsse contraste nas palavras de Jesus: — «Não me toques» — diz Jesus a Madalena; ao passo que convida Tomé a pôr o dedo nos sinais dos cravos: — «Chega também a tua mão e mete-a no meu lado».

Jesus aparece e desaparece instantaneamente. Penetra numa casa com portas fechadas. Em Emaús, conversa com dois dos seus discípulos e desaparece repentinamente. Acha-se de posse dêsse corpo flúidico, etéreo, que há em todos nós, corpo subtil que é o envólucro inseparável de tôda a alma e que um alto espírito como o de Jesus sabe dirigir, modificar, condensar, rarefazer à vontade. E a tal ponto o condensa, que se torna visível, tangível e audível aos assistentes.

As aparições de Jesus depois da morte são mesmo a base, o ponto capital da doutrina cristã e foi por isso que S. Paulo disse — «Se o Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé».

Verdade é que os homens lançaram a confusão sôbre estes fenómenos, atribuindo-lhes um carácter miraculoso. O milagre é uma postergação das leis eternas fixadas por Deus e seria pouco digno do Supremo Poder exorbitar da sua própria natureza e variar em seus decretos.

Jesus, conforme a Igreja Romana, teria ressuscitado com o seu corpo carnal. Isso é contrário ao primitivo texto do Evangelho. Aparições repentinas, com mudanças de forma, que se produzem em lugares fechados, não podem ser senão manifestações espiritistas, flúidicas e naturais.

Jesus ressuscitou, como ressuscitaremos todos nós, quando o nosso espírito abandonar a sua prisão de carne.

Esse modo de ver, como em geral tôda a teoria do milagre, resulta d'uma falsa interpretação das leis do Universo.

O mesmo sucede com a idéa do sobrenatural, que corresponde a uma concepção deficiente da ordem do mundo e das normas da vida. Na realidade, nada existe fora da natureza, que é a obra divina em sua magestosíssima expansão.

O êrro do homem provém da acanhada idéa que faz da natureza e das formas da vida, limitadas para êle à esfera traçada pelos seus sentidos. Ora, os nossos sentidos apenas abrangem uma porção muitíssimo restrita do domínio das coisas. Além dêsses limites a vida desdobra-se sob aspectos ricos e variados, sob formas subtis, quintessenciadas, que se graduam, se multiplicam e se renovam até ao infinito.

O Cristianismo primitivo afecta, pois, êsse carácter particular de ter aproximado as duas humanidades — terrestre e celeste — tornando mais intensas as relações entre o mundo visível e o mundo invisível.

Efectivamente, em cada grupo cristão, como actualmente em cada grupo espírita, os circunstantes entregavam-se a evocações, havendo médiuns falantes, (de incorporação), inspirados, de efeitos físicos, como se acha escrito no capítulo XII da primeira Epístola de S. Paulo aos Coríntios.»

Foi precisamente o fenómeno espírita o farol que iluminou tôda a primitividade cristã, tendo uma influência decisiva e categórica nas suas melhores atitudes.

Foi devido à íntima comunhão do mundo terrestre com o mundo astral, por intermédio dos ensinamentos e sábios conselhos ditados pelos espíritos desincarnados, que o cristianismo nascente obteve os seus melhores e mais dedicados prosélitos e resolveu os máximos problemas para a sua vitalidade e expansão, desde S. Paulo a Constantino I, os mais fortes esteios da igreja cristã primeva.

A aparição espírita de Jesus, a S. Paulo, na estrada de Damasco, transforma um dos mais encarniçados inimigos do cristianismo nascente num dos mais fervorosos, dedicados e cultos apóstolos de Cristo.

Através das suas cartas S. Paulo confessa, não só ter sido atormentado pelos espíritos inferiores que venceu pela convicção da sua fé, donde os sábios e prudentes avisos que administra a todos aqueles que evocam os mortos, mas ainda afirma que manteve íntimos colóquios com o espírito de Jesus, de quem recebia as instruções e conselhos para a realização da sua alta missão.

S. Paulo insistiu, por vezes, na absoluta necessidade de não receber de coração aberto todas as instruções recebidas do mundo invisível, sem previamente as filtrar na razão e na fé raciocinada.

S. João foi claro e explícito: — «*Caríssimos, não acrediteis em todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus*». (I Epístola, IV, 1).

O imperador Constantino I foi um grande e admirável médium. A sua conversão ao cristianismo, factor primacial do triunfo da Igreja Romana, e ainda a fundação de Constantinopla foram determinadas por fenómenos espiritistas.

O imparcial historiador, Albert de Broglie, pouco inclinado ao misticismo, na sua obra — «*A Igreja e o Império Romano no século IV*» — refere-se a êsses fenómenos espiritistas pelos seguintes termos :

« Quando Constantino planejava apoderar-se de Roma, um impulso interior o induziu a recomendar-se a algum poder sobrenatural e invocar a protecção divina com o apoio das forças humanas.

A resposta a essa prece foi uma visão maravilhosa, que êle próprio referia, muitos anos depois, ao historiador Eusébio, afirmando-a sob juramento e com as seguintes particularidades: — Uma tarde, marchando à frente das suas tropas, divisou no céu, acima do sol que já declinava para o ocaso, uma cruz luminosa com esta inscrição — *in hoc signo vinces* (com êste sinal vencerás).

Todo o seu exército e muitos espectadores, que o rodeavam, viram como êle, estupefactos, êsse prodígio. Ficou muito intrigado com o que poderia significar essa aparição.

A noite surpreendeu Constantino ainda na mesma perplexidade. Durante o sono, porém, o próprio Cristo appareceu-lhe com a cruz que fôra vista no céu, ordenando-lhe que mandasse fazer, por aquele modelo, um estandarte de guerra que lhe serviria de protecção nos combates.»

Segundo refere o mesmo historiador A. Broglie, foram também desincarnados que aconselharam Constantino a sair de Roma, por motivo de segurança do estado, referindo Philostórgio: — . . . *na ocasião em que Constantino traçava, com a espada em punho, o novo recinto da cidade, (Constantinopla), os que o acompanhavam, vendo que êle se adiantava sempre de modo a abranger uma área imensa, perguntaram-lhe respeitosamente até onde pretendia ir. — Até ao lugar em que pare quem vai adiante de mim — respondeu o imperador Constantino.*»

Os Actos dos Apóstolos fornecem interessantes e variados fenómenos espiritistas, limitando-nos a referir a libertação do apóstolo S. Pedro, *desmaterializando*

as cadeias que o prendiam, por acção de desincarnados, fenómeno confirmado experimentalmente em variadas sessões espíritas, da época actual, nomeadamente as desmaterializações e materializações obtidas pelo sábio William Crookes.

Hermas, discípulo dilecto dos Apóstolos, e muito querido de S. Paulo, na sua obra — «Livro do Pastor» — indica a forma de distinguir o Astral inferior do Astral superior: «O espírito que vem da parte de Deus é pacífico e humilde; afasta-se de toda a malícia e de todo o vão desejo deste mundo e paira acima de todos os homens. Não responde a todos os que o interrogam, nem às pessoas em particular, porque o espírito que vem de Deus não fala ao homem quando o homem quere, mas quando Deus o permite.

Quando, pois, um homem que tem um espírito da parte de Deus vem à assembleia dos fiéis, desde que se fez a prece, o espírito toma lugar nesse homem que falará na assembleia como Deus quere. (Médium de incorporação).

Reconhece-se, ao contrário, o espírito terrestre, frívolo, sem sabedoria e sem fôrça, no que se agita, se levanta e toma o primeiro lugar. E' importuno, tagarela, e não profetiza sem remuneração. Um profeta se Deus não procede assim.»

Como se vê, na primitividade cristã, os grupos de fiéis têm uma perfeita analogia com as vulgares sessões espiritistas contemporâneas. Os princípios básicos que os orientavam tem um manifesto paralelismo com as directrizes que regem os actuais grupos espiritistas.

Nos três primeiros séculos da primitividade cristã as suas mais altas figuras representativas dirigiam-se directamente aos desincarnados para resolverem, não só pontos doutrinários, mas até assuntos administrativos.

«O papa S. Leão havia escrito a Flaviano, bispo de Constantinopla, uma carta célebre sobre a heresia de Eutychio e de Nestorius. Antes, porém, de a expedir, colocou-a no túmulo de S. Pedro, que fizera previamente abrir e ao pé do qual se conservou em jejum e oração durante quatro dias, conjurando o príncipe dos Apóstolos a corrigir pessoalmente o que à sua fraqueza e imprudência tivesse escapado em contrário à fé e aos interesses da sua Igreja. Ao fim de quatro dias appareceu-lhe o príncipe dos Apóstolos e disse-lhe: — Li e corrigi. O papa fez de novo abrir o túmulo e encontrou o escrito efectivamente corrigido.» (Sophronius, cap. CXLVII).

Segundo refere Gregório de Cesarea e Nicephoro, (Em Lipoman, t. VI. Discurso à cerca do Sínodo de Nicea), todo um concílio teria evocado os espíritos: — «Ao tempo em que o concílio ainda efectuava suas sessões, e antes que os Padres tivessem podido assinar as decisões, dois piedosos bispos, Chrysantus e Mysonius, faleceram. O concílio, depois de haver lavrado o termo, lastimando vivamente não ter podido juntar seu voto aos de todos os outros, compareceu incorporado ao túmulo dos dois bispos e um dos padres, tomando a palavra, disse: «Santíssimos pastores, terminámos juntos nossa tarefa e combatemos os combates do Senhor. Se a obra lhe agrada, dignai-vos no-lo fazer saber, apondo-lhe vossa assinatura».

Em seguida foi a decisão lacrada e deposta no túmulo, sobre o qual foi também aposto o selo do concílio. Depois de terem passado toda a noite em oração, no dia seguinte, ao amanhecer, quebraram os mesmos selos e encontraram por baixo do manuscrito, as seguintes linhas autenticadas com as rúbricas e assinaturas dos defuntos consultados: — «Nós, Chrysantus e Mysonius, que havemos assentido, com todos os Padres, ao primeiro e santo Concílio Ecuménico, posto que presentemente despojados de nossos corpos, subscrevemos, entretanto, do nosso próprio punho a sua decisão.»

Os dois factos que acabamos de relatar pertencem à categoria da escrita

*directa*, tendo-se obtido magníficas experiências desta invulgar médiunidade depois de 1850, especialmente na América do Norte e em Inglaterra.

Orígenes, um dos maiores luminares do Cristianismo, a quem S. Jerónimo presta tôda a sua vassalagem, considerando-o o grande mestre da Igreja, na sua memorável controvérsia com Celso, faz as seguintes afirmações: « *Não duvido que Celso escarneça de mim; as zombarias, porém, não me impedirão de dizer que muitas pessoas tem abraçado o Cristianismo a seu pesar, tendo sido de tal modo o seu coração repentinamente transformado por algum espírito, quer numa aparição, quer em sonho, que, em lugar da aversão que nutriam pela nossa fé, adoptaram-na com amor até ao ponto de morrerem com ela. Tomo Deus por testemunha da verdade do que digo, Ele sabe que eu não pretendo recomendar a doutrina de Jesus Cristo por meio de histórias fabulosas, mas com a verdade de factos incontestáveis.* » (Orígenes, edição beneditina de 1733, t. I, pág. 361).

A conversão ao cristianismo do célebre bispo de Hipona, Santo Agostinho, foi devida a variados fenómenos espiritistas, como êle próprio declara na sua obra — « *Confissões* ». Depois de ter empregado baldadamente todos os seus esforços para abandonar a vida dissoluta que levava, apelou para o auxílio divino numa prece fervorosa e sincera, ouvindo então uma voz que repetidas vezes lhe disse — « *tolle lege* », (toma e lê). Depois de ter reconhecido que a voz não partia de sêr algum vivo, abriu as Santas Escrituras casualmente, deparando com as exortações de S. Paulo sôbre a honestidade e pureza de costumes. A luz raiou na sua alma, transformando-o num dos maiores luminares do cristianismo pela sua fé e pela sua sabedoria. No seu tratado — « *De cura pro mortuis* » — faz as seguintes apreciações sôbre as manifestações dos mortos: « *Os espíritos dos mortos podem ser enviados aos vivos; podem desvendá-lhes o futuro, cujo conhecimento adquiriram, quer por outros espíritos, quer pelos anjos, quer por uma revelação divina.* » Na sua obra — « *Cidade de Deus* » — Santo Agostinho dá todo o relêvo ao corpo lúcido, etéreo, aromal, correspondente ao perispírito dos espíritos, expondo vários processos teúrgicos para a comunicação e evocação dos espíritos e para desenvolver a vidência astral.

S. Clemente de Alexandria, S. Gregório de Nyssa, (Discurso Catequético), S. Jerónimo, (Controvérsia com Vigilantius), reconheciam a comunicação de vivos e mortos através dos fenómenos espiritistas.

O abade Poussin na sua obra — « *O Espiritismo perante a Igreja* » — diz: « *S. Tomás de Aquino comunicava-se com os habitantes do outro mundo, com mortos que o informavam do estado das almas pelas quais êle se interessava, com santos que o confortavam e lhe patenteavam os tesouros da sciência divina.* »

S. Tomás de Aquino — o anjo da escola — na opinião dos mais eminentes doutores da Igreja, faz uma afirmação positiva e categórica do fenómeno espírita, quando diz: — « *O espírito, (anima separata), pode aparecer aos vivos. (Summa I, qu. 89, 8, 2 m).* »

Vamos agora transportar-nos à época moderna, recolhendo algumas das opiniões mais abalizadas de homens eminentes da igreja.

O Cardeal Bona, denominado o Fenelon italiano, na sua obra — « *Da distinção dos espíritos* » — expressa-se com uma clareza cristalina: — « *Motivo de estranheza é que se pudessem encontrar homens de bom senso que tenham ousado negar em absoluto as aparições e as comunicações das almas com os vivos ou atribuí-las a extravijs da imaginação ou ainda a artifícios dos demónios.* »

O Padre Lacordaire a propósito das mesas giratórias, (tiptologia), escrevia em 20 de Junho de 1853 a M.<sup>me</sup> Svetchine: — « *Também, mediante essa divulgação, Deus quere talvez proporcionar o desenvolvimento das fôrças espirituais ao desenvolvimento das fôrças materiais, a-fim-de que o homem não esqueça, ante as*

*maravilhas da mecânica, que há dois mundos contidos um no outro, o mundo dos corpos e o mundo dos espíritos».*

O Padre P. Le Brun, do Oratório, na sua obra — «História das práticas supersticiosas» — assim se expressa: «*As almas que disfrutam a bemaventurança eterna, abismadas na contemplação da glória de Deus, não deixam de se interessar ainda pelo que respeita aos homens, cujas misérias suportaram; e, como chegaram à felicidade dos anjos, todos os escritores sacros lhes atribuem o privilégio de poder, sob corpos etéreos, tornar-se visíveis aos seus irmãos que ainda se acham na Terra, para os consolar e lhes transmitir as divinas vontades.*»

O abade de Marouzeau escrevia a Alan Kardec: «*Mostrai ao homem que êle é imortal. Nada vos pode melhor secundar nessa nobre tarefa do que a comprovação dos espíritos de além-túmulo e suas manifestações. Só com isso vireis em auxílio da religião, empenhando ao seu lado os combates de Deus.*»

O Padre Didon nas suas «Cartas a M.<sup>le</sup> Th. V.», (4-X de 1875 e 4-VIII de 1876), escreve da seguinte forma clara e positiva: «*Eu que acredito na acção constante dos espíritos e dos mortos sôbre nós, creio bem que êsse ente desaparecido vos guarda e assiste invisivelmente.*»

«*Creio na influência divina que sôbre nós misteriosamente exercem os mortos e os santos. Vivo em profunda comunhão com êsses invisíveis e é delicioso para mim experimentar os benefícios da sua secreta aproximação.*»

O Dr. José Laponi, médico de dois papas — Leão VIII e Pio X — regista inúmeros fenómenos espiritistas no seu livro — «Hipnotismo e Espiritismo» — admitindo a sua autenticidade.

Para rematar, vamos fazer algumas transcrições de vultos eminentes da Igreja Protestante.

O Pastor Bénezech, de Montauban, escrevia em 1905 a Léon Denis: «*Prevejo que o Espiritismo bem pode vir a tornar-se uma religião positiva, não à maneira das religiões reveladas, mas com o carácter de religião estabelecida sôbre factos de experiência e plenamente de acôrdo com a sciência e o racionalismo.*

*Estranha coisa!* — Nesta época de materialismo, em que as igrejas parecem na iminência de se desorganizarem e dissolver-se, o pensamento religioso é restituído por sábios, acompanhado pelo maravilhoso dos antigos tempos. Esse maravilhoso, porém, que eu distingo do milagre, pois não é mais que um natural superior e raro, já não estará ao serviço duma Igreja particularmente distinguida com os favores da divindade; será a propriedade da Humanidade, sem distinção de cultos.

*Como isso é mais grandioso e moral!*»

Em Londres, o reverendo pastor Harveys prega as doutrinas espiritistas na igreja de Marylebone, mostrando aos seus ouvintes variadas fotografias de espíritos.

O reverendo J. Page Hopps, numa reunião de pastores protestantes em Manchester, baseado na autenticidade dos fenómenos espiritistas, propôs que fôsse fundada uma igreja onde o objecto das prédicas fôsem as comunicações medianímicas, ou, como textualmente se expressou «*as mensagens lá do Alto*».

O pastor holandês, Beversluis, no Congresso Internacional de Espiritismo, realizado em Paris, em 1900, disse: «*Adquiri a certeza de que o Espiritismo é real.*

*Essa luz celeste faz dissipar o medo do inferno, de Satanaz e dêsse Deus terrível do calvinismo, que odeia as suas criaturas e as condena a eterna punição. Em lugar dêsse terror, o Espiritismo faz nascer uma confiança de filho e uma dedicação enterneçada ao Deus de amor.*

Finalmente, o reverendo arcédiago Colley, para quem o Espiritismo é o coroamento de tudo o que há de mais nobre e elevado adentro de cada religião,

numa carta publicada no «*Daily Mail*» em 1 de Fevereiro de 1906, expressa-se da seguinte forma :

«*Sou espírita há mais de trinta e três anos e posso dizer que jãmais, ou só muito raramente, vi que o Espiritismo outra coisa produzisse a não ser o bem, mostrando ser um estímulo para a elevação moral e intelectual de quem o professa, para o aperfeiçoamento humano, um alívio na desgraça, um motivo de satisfação na existência.*

*O Espiritismo é, além disto, um meio de cura para a falta de fé, sobretudo porque fornece uma prova científica da continuação da vida de além-túmulo».*

Não quisemos ser prolixos nas citações, limitando-nos a um reduzido número, extraídas das Escrituras Sagradas e dos mais eminentes luminares da Igreja. Não recorremos ao Velho Testamento que poderia fornecer um grosso volume, nem tão pouco lançámos mão de opiniões das grandes sumidades do mundo da ciência, da arte e das letras, onde o Espiritismo conta inúmeros partidários.

A Igreja Romana, representada num dos seus mais ilustres purpurados portugueses, o senhor arcebispo de Braga, agrediu-nos no que temos de melhor no nosso Ideal de fé raciocinada. Era justo que nos defendêssemos com as próprias armas da Igreja Romana. E se não cantamos vitória, o facto só será devido aos nossos mínguados recursos de inteligência e de cultura e não à falta de beleza moral e de verdade científica que assiste à doutrina espiritista.

E' deveras lamentável que tendo todas as religiões uma nobre e elevada missão a realizar no combate ao materialismo, descrença e indiferentismo religioso, arrastando a nossa sociedade à dissolução mais crapulosa e aos crimes mais abomináveis, seja o Espiritismo o alvo dos seus mais rancorosos e cruentos ataques.

No entanto, o Espiritismo tem prestado tão relevantes serviços à Humanidade, que se torna bem digno de respeito e até de reconhecimento. Foi o Espiritismo que iniciou no meado do século passado êsse grande e admirável movimento de renascença neo-espiritualista, pouco depois secundado pela Teosofia, Rosa-crucianismo, Martinismo, comungando todos êles no mesmo ideal de regeneração social, agitando as grandes correntes do esoterismo oriental e do hermetismo ocidental, transformando a fé passiva e automática das velhas religiões numa fé raciocinada e activa, que tanto se impõe pelo cérebro como pelo coração, através do método positivo, demonstrando experimentalmente a sobrevivência da alma humana.

Tôda essa rajada de espiritualidade que sacode do seu entorpecimento religioso o velho e o novo mundo teve por *alma-mater* o Espiritismo.

Foi ainda o Espiritismo que criou adentro da sua fenomenologia, tão vasta quanto complexa, essa nova ciência — a *metapsíquica* — consagrada e estudada pelas melhores mentalidades contemporâneas em institutos especializados, não sendo difícil prever, para todos aqueles que têm acompanhado o seu extraordinário desenvolvimento, que será a metapsíquica o traço de união espiritual entre ciências, filosofias e religiões, em época não muito longínqua, fundindo-as numa síntese admirável, donde um novo ciclo religioso despontará para a Humanidade.

As grandes religiões oficiais, não obstante os altos interesses materiais que ainda as galvaniza numa vida tôda artificial, estão irremediavelmente perdidas, não só pelo descrédito e ridículo em que se envolveram, mas ainda pela implacável e categórica lei da evolução espiritual, incompatível com a sua imobilização dogmática.

E' à Igreja Romana que cabe a maior responsabilidade no descalabro moral da sociedade contemporânea, como infidelíssima depositária do mais belo património espiritual legado a esta Humanidade — o *Cristianismo*.

A Igreja Romana, monstruoso conúbio de blasfêmias e de crimes de lesa-humanidade, ecoando através da História em caudais de sangue, numa ânsia indómi

ta do predomínio temporal, numa orgia do mais desenfreado e baixo sensualismo, apunhalando sacrilegamente os mais belos e nobres ensinamentos do seu admirável Fundador — Jesus Cristo — não tem o direito de se arvorar em juiz das correntes neo-espiritualistas.

— Como se uma larva pudesse alcandorar-se a uma estrêla!

A Igreja Romana, estruturalmente anti-cristã, desde o seu pomposo ritual pagão ao mercantilismo dos sacramentos, desde a imposição dos seus abstrusos dogmas à infalibilidade papal, lançou o mais aviltante insulto à consciência humana, determinando, como lógica reacção, a descrença e o ateísmo em que a sociedade se debate angustiosamente, sem ideal espiritualista, sem finalidade moral, mas num utilitarismo ferozmente egoístico.

A Igreja Romana, inimiga irreconciliável da ciência, sepultando na treva dos seus cárceres os mais fulgurantes génios da Humanidade, aniquilando nos autos de fé inquisitoriais, no Index e no Silabus os mais scintilantes surtos da inteligência e da liberdade humanas, tem sido um dos maiores tropeços do progresso.

A Igreja Romana, manejando as suas macabras criações de Satanaz e das penas eternas do inferno — sacrílegas, absurdas e antiprogressivas — tem sido um factor importante de depressão nervosa e da população dos manicómios. A demonomania foi a epidemia que mais loucuras produziu na época medieval, nessa torturante noite de mil anos de Michelet, só iluminada pelas fogueiras da Inquisição, ao serviço do despotismo e da teocracia católica.

— Para que citar factos, nomes e datas?

— As lutas religiosas — sem finalidade espiritual, só visando interesses inconcessáveis — provocadas pela Igreja Romana, são o arcaboço da História, constituindo o mais patente libelo da sua ignomínia, da sua infidelidade e da sua traição para com o seu Fundador — J. Cristo.

Não nos move o mais leve desejo de ferir o catolicismo, e antes preferíamos não ser forçado a apontar factos, a que não damos o devido relêvo, evitando assim ferir profundamente uma das mais interessantes mentiras religiosas da nossa época, que, infelizmente, é ainda a religião do nosso país. Mas o nosso silêncio, perante a cobardia moral contemporânea, poderia ser falsamente interpretado. Demais, é verdadeiramente repugnante a louca e virulenta ofensiva que, por processos inqualificáveis, desfilando do confissionário à sacristia, o catolicismo pretende, crassa, interesseira e malèvolamente, vibrar no Espiritismo.

Se não tomamos deliberadamente a ofensiva, porque a nossa doutrina é essencialmente tolerante, temos, no entanto, o pleníssimo direito, se não fôsse um indeclinável dever, de defendermos o Espiritismo, porque êle pode trazer ao verdadeiro Caminho Cristão as ovelhas tresmalhadas pelo despotismo teocrático e pelos dislates da Igreja Romana.

Os melhores elementos do Espiritismo são, precisamente, os desiludidos do catolicismo, e hoje contam-se por dezenas de milhões, tanto no novo como no velho mundo. E se não fôra os grandes interesses diplomáticos e materiais ligados ao multiseccular Vaticano, e, por outro lado, a ignorância, para muitos, dos princípios básicos do Espiritismo, deturpados e, por vezes, anavahados dos púlpitos católicos, estamos plenamente convicto que o neo-espiritualismo já se teria radicado no cérebro e no sentimento da maioria da Humanidade, tal é o poder científico das verdades que dêle irradia, tal é a beleza e elegância moral dos princípios que o regem.

\* \* \*

**Excelência Reverendíssima:** Digne-se perdoar este desabafo dum peccador que é tão espírita pelo cérebro, como pelo coração.

Sinto que não servimos Jesus com o devido sentimento. A doutrina é de fá-

cil compreensão, mas de difícil execução. Tôda ela se resume na *Lei áurea do amor de Cristo*. Quem a sentir e praticar ultrapassou já o reino humano, atingindo o nível super-humano.

— Para quê lutas, combates, controvérsias em volta dêsse Altíssimo Espírito de Luz que só prègou e exemplificou o perdão, a paz, a benevolência e o amor fraternal?!...

A-pesar-de tôda a ferocidade canibalesca que conturba a sociedade actual, Jesus deixará de reinar nos lábios para imperar nos corações, num novo ciclo evolutivo.

São precisamente os que dizem servi-LO que mais devem envidar os seus melhores esforços para que resplandeça em breve essa decantada aurora de Fraternidade universal, em que tôda a Humanidade, de mundo a mundo, de polo a polo, confraternize no amor de Cristo.

**Excelência Reverendíssima:** Duplamente devemos agradecer a excomunhão com que *fulminou* os nossos dedicados Confrades Bracarenses: — em primeiro lugar, pela bela oportunidade que nos oferece para lhes testemunharmos tôda a nossa homenagem de respeito e de franca confraternização; em segundo lugar, por sua Excelência Reverendíssima ter proibido na sua Pastoral a todos os institutos de beneficência católica da sua Arquidiocese, de receberem algumas centenas de escudos que mensalmente lhes eram distribuídos pela revista espiritista — «Luz e Caridade» — e que agora, certamente, hão de reverter em benefício da Federação Espírita Portuguesa, que é património de todos os espíritas portugueses.

\* \* \*

Finalizemos. Este artigo vai demasiado extenso — perdoem-nos os nossos leitores — contudo só dissemos uma pequena parte do que poderíamos dizer.

O Espiritismo — uma das mais belas sínteses do pensamento científico e filosófico contemporâneo — só pode ser devidamente apreciado quando analisado no conjunto dos seus princípios básicos, tal é a íntima interdependência que os liga, tal é a harmonia lógica da solidariedade e recíproca cooperação das suas leis fundamentais.

Se vale pelo estudo analítico, vale, incomparavelmente mais, no seu estudo sintético.

A análise é sempre superficial, perdendo-se numa infinidade de detalhes, enquanto a síntese ganha em profundidade e em generalização. E' precisamente a característica diferencial entre a ciência moderna essencialmente analítica por êsse motivo materialista e ateuista e a sabedoria antiga, fundamentalmente sintética, orientada numa alta e nobre espiritualidade, conduzindo ao apogeu da glória as velhas civilizações orientais, desde as criptas do Himalaia aos hipogeus egípcios, assombros da moderna civilização.

O factor determinante da regeneração social será, indubitavelmente, o pleno conhecimento da admirável lei da evolução espiritual, emanando da vida infinita e eterna, *alma mater* de todos os progressos pela dinamização das potencialidades que todos trazemos albergadas no nosso espírito, de que a lei da evolução morfológica, (transformismo), consagrada pela ciência oficial, é apenas um pálido reflexo. A primeira actua numa linha contínua e progressiva através da alma, desafiando o infinito e a eternidade, enquanto a segunda actua numa linha descontínua e limitada à forma e transformação das espécies, efémeras e transitórias, limitadas no tempo e no espaço. A primeira penetra no Absoluto; a segunda mergulha na matéria. Por êste motivo a primeira desafia o infinito e a eternidade, enquanto a segunda é limitada no espaço e no tempo, ainda que subsidiária da primeira.

— ¿ Como opera a grande e admirável **lei da evolução espiritual**, envol-

vendo todo o Universo, impelindo todas as essências espirituais numa curva ascensionalmente progressiva à mais bela e radiosa florescência das potencialidades que trazem embrionariamente no seu bendito seio ?

— Pelas duas leis que são todo o seu fundamento e mecanismo : a **lei reincarnacionista** ou da pluralidade das existências ou das vidas sucessivas, também chamada palingénésia, e pela **lei kármica** ou lei da causalidade ou de acção e reacção.

A lei kármica, símbolo da Indefectível Justiça Divina, traduzida no equilíbrio e harmonia dos diferentes planos da natureza, tanto tem aplicação no plano físico-químico da matéria planetária como nos planos emocional, mental, consciencional, etc., dominando tóda a energia da matéria como tóda a actividade espiritual.

Todos os desequilíbrios da matéria, assim como todas as desarmonias do sentimento e da inteligência, hão de necessária e fatalmente ser expiadas e reparadas adentro da justiça e determinismo que prende indissolúvelmente a causa ao efeito.

O bandido escapará à justiça dos homens ; mas o Karma insculpido no seu corpo psíquico, será implacável e inexorável até à justa expiação e reparação do mal produzido, reabilitando-se pelo seu esforço próprio, pois só este esforço voluntário e bem intencionado modificará as vibrações do seu Karma até à sua extinção completa, depois de saldar as dívidas contraídas e restabelecer as harmonias que perturbou.

E' o Karma que determina e orienta as reencarnações numa linha directriz essencialmente conduzida para o progresso, expiação e reparação, resultantes dos actos praticados nas vidas passadas. Mas a expiação não significa castigo. A expiação é apenas uma lição, para que o espírito compreenda a lei natural em que prevaricou.

A pena de Talião não tem cabimento adentro do Espiritismo.

As leis são paralelas tanto no plano físico como no plano moral e mental. E' a complexidade aparente na Unidade real, sejam quais forem os desígnios do homem para tudo falsificar, complicar e perverter.

Nem o mais insignificante acto, nem o mais leve pensamento, nem a intenção mais recôndita deixam de ficar vincados indelévelmente nos nossos corpos psíquicos, altamente diferenciados e quintessenciados, como se dentro de nós existissem os mais aperfeiçoados cinematógrafos e fonógrafos.

As bases desta mecânica psíquica é tóda feita de luz e de vibrações nos nossos corpos subtis, e determinada nas irradiações da aura humana.

No dia em que a Humanidade queira estudar e compreender o mecanismo e reciprocidade da lei das reencarnações e da lei kármica, através da lei da evolução espiritual, a Humanidade encurtará a sua curva ascensional de progresso, e conquistará, serena e conscientemente, o reino Supra-Humano, de que a mais curta distância é a **Linha Cristica**, libertando-se dêste estendal de misérias e de dôres, e só então a Fraternidade Uníversonal será a lei suprema, regida pela lei da Renúncia, expressão máxima da abnegação e do altruísmo, simbolizada em Jesus Cristo.

*E' esta a finalidade do Espiritismo.*

ANTÓNIO J. FREIRE  
(Médico)



General Viriato Z. Passaláqua

1926 — 14 de Março — 1927

**P**ASSA o primeiro aniversário da desincarnação do sr. general Viriato Zeferino Passaláqua.

*Esta revista, interpretando o sentir da Federação Espírita Portuguesa, presta tóda a sua afectuosa homenagem de respeito e de saudade ao denodado propagandista do Espiritismo, a um dos mais valorosos defensores dos Evangelhos — em espírito e verdade — a um dos mais cultos exegetas do nosso país.*

*Que Jesus Cristo, o nosso amado Mestre — a quem tão devotadamente amou e serviu na Terra — continue iluminando a sua bondosa Alma, lá nesses Páramos de Luz donde irradia a Paz, a Harmonia e o Amor.*

A COMISSÃO DIRECTIVA

# CRÓNICA ESTRANGEIRA

## MEDIUNIDADES INTERESSANTES

O aparecimento no Salão de Outono do belo quadro de Agostinho Lesage, «O espírito da Pirâmide», causou uma funda impressão no público que não pôde furtar-se a uma admiração justificada perante uma produção tão notável, acrescida ainda pelas condições em que os trabalhos de Mr. Lesage são produzidos.

A imprensa francesa dedica-lhe artigos numerosos em que são apreciadas pelos seus mais abalizados críticos de arte as admiráveis minuciosidades do desenho em todos os seus pormenores, numa associação requintadamente artística dos hieroglifos, dos círculos e arcos de círculo que se entrecruzam e alongam dando uma agradável impressão de conjunto.

A magnífica tela impõe-se igualmente pelas suas dimensões, pois mede 3 metros por 2,5.<sup>m</sup>

Falemos dos antecedentes das produções admiráveis deste homem singular.

Apenas deixou a escola primária da sua aldeia de Burbure, perto de Bethune, aos 14 anos, aí por 1897, tomou a profissão de mineiro que manteve durante 27 anos consecutivos como o atestam o director da mina de Auchel, Mr. Lacroze e o *maire* da sua comuna, Mr. Denoix.

Manifestaram-se as suas notáveis qualidades de médium em 1912 em que começou a ouvir durante o trabalho vozes que o incitavam a desenhar e a pintar.

Sem lhes prestar atenção durante muito tempo, acabou finalmente por ceder às suas intuições e, aconselhado pelas entidades amigas que o guiavam, comprou os necessários apetrechos para iniciar os seus trabalhos.

Não foi sem grande embaraço que elle respondeu ao vendedor das tintas sobre particularidades que lhe não tinham sido indicadas pelos seus guias nas suas comunicações por escrita automática.

Começou em 1913 nas horas de repouso do seu fatigante trabalho, a pintar sob a inspiração dos seus tutelares, como que guiado por uma mão que dirigia a sua, tendo produzido desde então numerosas obras de arte cuja colecção foi exposta na sede da Federação Espírita Internacional, na exposição espírita de 1925.

Só há pouco mais de dois anos elle abandonou a sua profissão de mineiro, porque nisso se empenharam admiradores e amigos a quem doía que um homem dotado de tão prodigiosas faculdade se não consagrasse exclusivamente a desenvolvê-las.

Todos os que têm procurado entrevistá-lo, atraídos pelas suas extraordinárias manifestações artísticas, notam a sua extrema modéstia e a consciência da sua passividade em tão belas produções.

Não é menos notável a mediunidade de Victor-York Briggs, um moço estudante de 15 anos duma Universidade americana, manifestada desde a mais tenra idade em várias modalidades, qual delas a mais interessante.

Aos dois anos já elle revelava fenómenos dum psiquismo extraordinariamente exaltado, repetindo longas poesias que apenas ouvira uma vez. Aos 4 anos e meio fez a sua primeira conferência em Los Angeles, vizinha cidade da sua terra natal; seguidamente foi dando a público mensagens obtidas por clarividência e clari-audiência.

Mais tarde revelou-se nele a mediunidade de canto inspirado que lhe permitia improvisar sob a inspiração de espíritos músicos, melodias a duas vozes de

que êle cantava alternadamente uma parte e outra, vocalizando-as com voz masculina ou feminina, conforme as exigências da composição.

Hoje apresenta, além das mediunidades já citadas, a de escrita automática e da eloquência em estado de transe.

Em face das suas extraordinárias faculdades supranormais, fazem-se profecias sôbre o futuro de tão prodigioso médium, reservado por certo a ser um dos mais notáveis do mundo, se porventura se não atenuarem os seus dons.

A propósito, não deixarei de comparar os dotes inverosímeis desta criança prodígio com os de outras apontadas históricamente como tais, procurando extremar, numa e noutras, as origens de tão anômalas manifestações, para que se não confundam as de mediunidade com as aquisições feitas em vidas anteriores.

Pela descrição reproduzida que nos dá dêste rapaz o jornal de Chicago — *The Progressive Thinker* — reconhece-se que os seus conhecimentos proveem essencialmente dum princípio estranho inteiramente à sua personalidade e que é pela intervenção dessa causa insólita que êle produz os curiosos fenômenos descritos e tem a erudição apontada.

Não se dá o mesmo nos casos célebres de Mozart que compôs uma sinfonia aos 5 anos sem nunca ter estudado harmonia; de Miguel Angelo, a quem o mestre dizia aos 8 anos: «Não temos mais que ensinar-te»; de Meyerbeer, que dava concertos de piano aos 6 anos; de William Sidis, americano, que sabia ler e escrever aos 2 anos; aos 4 falava quatro línguas; aos 10 resolvia os mais complicados problemas de geometria e fez uma conferência sôbre a quarta dimensão do espaço, com espanto de quantos o escutaram; de Raisin, que dava concertos de violino aos 2 anos; de Marcel Lavallard, que expôs o seu primeiro quadro aos 12 anos; e tantos outros que seria supérfluo mencionar.

Em todos estes exemplos, as manifestações artísticas ou literárias, que revelaram em tão tenra infância, eram inerentes ao seu psiquismo próprio e como tais muito provavelmente procedentes dum abundante repositório de conhecimentos acumulados nos mais íntimos recessos anímicos através de múltiplas reencarnações, que vieram expandir-se exuberantemente nos gênios celebrizados pelas suas tão singulares faculdades.

Março de 1927.

PEDRO CARDIA

---

*O que podemos afirmar é a existência de fenômenos que realmente dão lugar à crença espírita; e por pensarmos na possibilidade que seja uma verdade e o desejarmos profundamente, é que continuaremos na nossa árdua tarefa experimental.*

MADALENA FRONDONI LACOMBE

---

*Negue-se a Lei das reencarnações sucessivas dos seres, e teremos a iniquidade mais revoltante a governar o mundo.*

A. MARTINS VELHO

# FACTOS SUPRANORMAIS

(METAPSIQUISMO E ESPIRITISMO)

## Aparições do Papa Pio X no Vaticano

Há já tempo que era do pleno conhecimento, no meio espiritista internacional, as aparições desse bondoso cardeal Sarto, mais tarde Pio X, falecido há onze anos, passeando e conversando em fortes materializações, através das salas do Vaticano.

O seu fantasma é já familiar no palácio pontifício.

Contam-se mesmo alguns colóquios interessantes que tem tido com os seus sucessores e outras personagens palatinas, e até mesmo com alguns visitantes ilustres no meio católico.

Também não é desconhecido para alguns espíritas, o magnífico museu que secretamente é guardado no Vaticano, constituído por peças e documentos comprovativos da variada e complexa fenomenologia espiritista. Tem sido, sobretudo, padres católicos que ocultamente para ali tem enviado os melhores exemplares.

Ainda ultimamente tivemos conhecimento, por pessoa de toda a idoneidade, que para ali foi enviada por um rev. pároco da província de Trás-os-Montes, uma hóstia sobre a qual se manifestaram fenómenos interessantes provocados pela acção de espíritos desincarnados, com pleno conhecimento do rev. padre dessa freguesia, não obstante ter encerrado a hóstia num cofre forte.

O facto que serve de epígrafe a esta notícia seria banal, atendendo à vulgarização das materializações em todos os países cultos e até mesmo em Portugal, se não fôsse a categoria do espírito materializado e o local que escolheu para executar a sua *ectoplasmia*.

Tôda a imprensa espiritista, que conta no novo e velho mundo, mais, talvez, de mil revistas da especialidade, de que à hora actual se estão realizando duas exposições, uma em Roterdão, (Holanda), e outra em Filadélfia, (Estados Unidos da América do Norte), tôda a imprensa espírita, repetimos, conservou um prudente silêncio por falta de provas testemunhais, embora tivesse como verídico e natural o facto da materialização de Pio X.

De tal forma, ultimamente, o facto tomou vulto, quer no meio católico, quer no meio profano, que a êle se referem, não só o jornal católico de Londres — «The Universe» — que leva já 65 anos de existência, que diz ter recebido a confirmação da notícia por *um austero e respeitável sacerdote da Companhia de Jesus* — frase que reproduzimos textualmente — mas reproduzido também pelo jornal católico alemão — «Katholischer Wochenblatt» — editado em Chicago, artigo assinado pelo rev. Padre Luís G. Bonvin, de Bufalo.

Para maior confiança dos nossos leitores damos um extracto do artigo de «The Universe» :

### **Estranho caso da aparição de Pio X**

«A irmã M. Edith escreveu às suas Superiores de Remagen, (Alemanha), dizendo que o Bispo auxiliar de Tréves lhe tinha contado a aparição de Pio X no Vaticano, narração que lhe tinha sido transmitida por uma testemunha que tinha assistido a tão transcendente fenómeno.

«Dez sacerdotes alemães e austríacos achavam-se recentemente em Roma e esperavam ser recebidos em audiência particular pelo papa actual. Enquanto espe-

ravam na ante-sala, a porta abriu-se, e apareceu na sua frente o falecido papa Pio X.

« Os sacerdotes ficaram estupefactos, porque reconheceram imediatamente o defunto Papa Pio X.

« Então o falecido Papa disse-lhes :

« — *Estes infelizes tempos serão outros dentro de poucos anos.*

« E desapareceu.

« Encontravam-se os dez sacerdotes debaixo duma impressão profunda, quando foram chamados às habitações particulares do Pontífice reinante, que, notando a sua grande perturbação, lhes perguntou o motivo.

« Um dos presentes relatou o ocorrido a que o actual Papa respondeu apenas :

« — *Com que então Pio X mais uma vez apareceu. . . »*

Esta revista não dá nem relêvo nem comentários ao facto narrado. Ele impõe-se na sua serena grandiosidade, não porque tenha mais ou menos transcendência de que qualquer outra materialização, mas pela categoria social que ocupou na terra Pio X, e muito especialmente por aquela aparição se ter realizado a dentro do Vaticano.

Concluiremos com o último período de « The Universe » :

« A aparição do falecido Papa Pio X, e as palavras por êle pronunciadas, devem ser consideradas como uma consolação e esperança para os aflitos países da Europa. »

Assim seja.

---

*Os factos misteriosos são inegáveis ; — são uma verdade. E' aburdo desprezar tanto testemunho humano, e querer explicar tanto caso extraordinário, como consequência de ilusões, de alucinações ou de fraudes !*

*Julgar que a todas as pessoas a quem sucedem fenómenos psíquicos estão « malucas », e outros epítetos do mesmo género ; julgar que sejam vítimas da sua própria imaginação, é uma hipótese, hoje, insustentável.*

MADALENA FRONDONI LACOMBE

---

*Pouco importa à Potência Suprema a forma do culto que se lhe tributa ; — o que importa é que êsse culto seja sincero e feito com pureza e elevação de sentimentos.*

*E esta condição pode dar-se em qualquer religião, e mesmo fora de todo o culto conhecido.*

A. MARTINS VELHO

# VOZES DO ALÉM

(COMUNICAÇÕES MEDIANÍMICAS)

Da «REVELAÇÃO DOS PAPAS» — 1.º vol.

*Apresenta-se um homem idoso, gordo, de estatura mediana e fisionomia simpática. O espírito traja vestes sacerdotais e empunha, com a mão esquerda, o sceptro pontifical, conservando o braço direito erguido em atitude de quem abençoa.*

*Está circundado de grande irradiação luminosa.*

*O seu aspecto é deslumbrante!*

Fui papa na Terra e hoje vivo feliz.

Se não fôra a minha fé ardente, se não fôra o meu zêlo e a minha caridade, e, sobretudo, a minha humildade, o meu espírito estaria a estas horas mergulhado nas trevas, e não poderia, como me acontece neste momento, contemplar os esplendores da vida espiritual.

O que sou neste instante devo-o a mim mesmo, ao meu esforço próprio, à minha firmeza e sinceridade. Não provém do facto de haver sido chefe da Igreja; quisera antes ter sido simples pastor, camponês ou aldeão, a ter ocupado tão elevado cargo. E' isso uma verdade que não posso deixar de dizer, porque no mundo dos espíritos a verdade impõe-se com tal fôrça e vigor, que a ela ninguém pode fugir.

Lamento, meus irmãos, que, cegos como ainda estais, não possais vêr com clareza as coisas espirituais, não possais ainda compreender o que é tão fácil e simples. Lamento que estejais ainda tão presos a êsses preconceitos e interesses materiais que tolhem a vossa razão e empanam o brilho da vossa inteligência.

Sou feliz, já vos disse, mas a consciência acusa-me a cada instante, dizendo: — «Como é diferente a verdade que hoje contemplas da que outrora ensinaste!» E isto faz-me sofrer.

Tenho desejos de voltar ao mundo e novamente sentar-me naquela cadeira e do alto dela proclamar a pura verdade, a absoluta verdade: — Deus é um só infinitamente misericordioso, infinitamente bom, infinitamente justo, e, por isso, não existe inferno nem penas eternas, nem pecados sem remissão. O espírito expurga as suas faltas revendo-as na própria consciência. Aí está o inferno.

O arrependimento e a prece sincera são os únicos meios de salvação e resgate.

As existências são dadas ao homem para que repare em uma o mal feito na precedente.

«A cada um por suas obras». Eis as palavras do Mestre dos mestres; eis a justiça de Deus!

(Julho de 1916)

Pio X

# NOTICIÁRIO

## PORTUGAL

**Comissões Federativas de Propaganda Espírita** — Os nossos mais dedicados confrades de grande número de concelhos continuam trabalhando com tódta a actividade na organização destas comissões que hão de ser, de futuro, os centros de irradiação da nossa doutrina por todos os recantos de Portugal, onde tão necessário e preciso se torna levantar o nível espiritual, libertando-o de todas as peias do fanatismo, da descrença e do indiferentismo religioso. Por outro lado, essas Comissões ficam sendo o traço da união de todos os espíritas, disseminados pelas lindas terras de Portugal, com a Federação Espírita Portuguesa, que cooperará harmònicamente com todas elas, numa intensiva propagação do nosso Ideal, numa associação sinérgica de fôrças.

As vantagens destas Comissões impõe-se com plena evidência, quer para a Federação, quer para os confrades afastados de Lisboa, fortalecendo-se mútuamente por uma íntima confraternização e para assim realizarem uma bem orientada propagação.

E se no Continente se torna preciso e urgente a nossa organização, por mais fortes motivos, devido à distância, é de grande vantagem estender-se às Ilhas Adjacentes onde temos confrades de grande valor e dedicação, e bem assim às nossas Colónias onde já temos também fortes núcleos espíritas, especialmente em Angola e Moçambique.

No 1.º número desta revista vem explicado com tódta a clareza a forma de eleição para estas Comissões Federativas de Propaganda Espírita concelhias, indo de 3 a 11 o número dos seus membros.

Além das comissões eleitas, registadas no número anterior desta revista, temos o prazer de mencionar mais as dos seguintes concelhos que últimamente foram constituídas: — Moura, S. Braz de Alportel, Olhão, Estoy, Santa Bárbara de Nexe, Silves, Portimão, Alandroal, Alcochete, Ponte de Lima, etc.

O próximo Boletim da Federação Espírita Portuguesa iniciará a publicação das Direcções das Comissões Eleitas, assim como dos Centros e Grupos Espíritas já federados.

Mais uma vez pedimos a todos os nossos Prezados Confrades empreguem os seus bons esforços no sentido de elegerem com a possível brevidade as suas Comissões, para assim a Federação melhor orientar os serviços de propagação em cada concelho, em harmonia com as indicações recebidas pelas respectivas comissões concelhias. Muito especialmente dirigimos êste pedido aos nossos dedicados Confrades das Ilhas e das Colónias, além de outros motivos de ordem geral, para assim estreitarmos as longas

distâncias que nos separam. Só com método e tenacidade nos poderemos organizar.

*Só a união faz a fôrça.*

**Movimento espírita** — E' com o maior júbilo e grato prazer que esta Federação regista a decidida e dedicada actividade que lavra no meio espiritista português num ressurgimento esperançoso e prometedor, de que não há memória nos anais do Espiritismo em Portugal.

Em boa hora, pois, foi fundada a Federação Espírita Portuguesa que tem sido, sem contestação, a *alma-mater* de todo êste febricitante trabalho de reviviscência e de organização espiritista, despertando tantas energias e dedicações adormecidas por falta dum sólido ponto de apoio, onde, numa íntima confraternização, pudessem encontrar a colaboração indispensável para a expansão dum mesmo ideal.

Justo é que prestemos tódta a nossa homenagem de reconhecimento aos organizadores do 1.º Congresso Espírita Português, realizado em Maio de 1925, génese da Federação Espírita Portuguesa.

Em todo êste movimento de renovação neo-espiritualista devemos destacar as duas primeiras cidades de Portugal: — Pôrto e Coimbra.

Tanto numa como noutra se trabalha com tódta a inteligência, dedicação e fé, acima de todos os encómios, para a fundação e organização de importantes centros espíritas.

O Pôrto, a invicta e leal capital do norte, não podia pelas suas nobilíssimas tradições, ficar indiferente à corrente neo-espiritualista que avassala o pensamento científico contemporâneo.

A Associação Portuense de Investigações Psíquicas vai ser um facto em breve tempo, sendo segura garantia do seu triunfo e dos altos serviços que vai prestar à nossa causa o valor social, intelectual e moral da sua Comissão Organizadora, assim constituída: — Coronel Tristão Pais de Figueiredo, Major Sena Lopes, Dr. Mesquita Paul, Manuel Cavaco e Fernando de Almeida da Cruz Ferreira.

A Federação Espírita Portuguesa felicita-se, enviando as suas melhores saudações fraternais aos seus denodados Confrades Portuenses e muito afectuosa e respeitosa-mente cumprimenta a sua devotada Comissão Organizadora que saberá fazer dêsse Centro Espírita um dos mais inexpugnáveis baluartes do Espiritismo em Portugal.

Cumpre-nos ainda agradecer a gentileza da visita, a esta Federação, do nosso ilustre Confrade, sr. Coronel Tristão Pais de Figueiredo, digno Presidente da Comissão Or-

ganizadora dessa Associação essencialmente espiritista, que nos cativou pelo seu encantador convívio e firme dedicação à nossa causa. E ainda a visita do nosso devotadíssimo confrade, sr. Fernando de Almeida da Cruz Ferreira, também membro da Comissão Organizadora, que tem prestado serviços de grande valor na propaganda e como activo e dedicado agente de ligação, no movimento federativo desta Federação e a quem prestamos todo o nosso melhor reconhecimento.

Por correspondência trocada com esta Federação, temos conhecimento que se trabalha com tóda a actividade e dedicação em Coimbra, para ali se constituir um forte centro espirita, estando para muito breve a legalização dos seus estatutos.

E' da mais rudimentar justiça que ponhamos em relêvo, prestando tóda a nossa homenagem, o nosso inteligente e dedicado confrade comimbricense, sr. António Gonçalves Granadeiro, infatigável e convincente propagandista do nosso Ideal, que muito tem contribuído para a realização dêste desiderato.

Sabemos que em breve virá a Lisboa uma Comissão dos nossos Confrades de Coimbra a-fim-de trocar impressões com a Federação Espirita Portuguesa sôbre este momentoso assunto.

Esta Federação vê, desde a sua fundação, a grande importância que terá ali um forte núcleo espiritista; difundindo a verdade científica e a beleza moral da nossa doutrina através do meio académico da Lusa Atenas.

O Centro Espirita «Reflexos da Verdade», de Beja, a quem tem dado todo o seu carinho e dedicação o nosso prezado Confrade, sr. José Zarco Júnior, um dos mais activos e inteligentes propagandistas do Alentejo, director do jornal espirita, a «Voz do Além», conseguiu obter finalmente a aprovação legal dos seus Estatutos, devido à valiosa interferência do nosso valente e ardoroso confrade, sr. Tenente Lino Vaz Palma Antunes, um dos nossos mais dedicados e queridos confrades de Beja.

Sabemos que está, para muito breve, a federação dêste importante centro espirita.

Em Moura, uma das mais importantes vilas alentejanas, também está em preparação um forte centro espirita, devido aos ingentes esforços do nosso dedicado confrade, sr. Joaquim Segurado de Faria, farmacêutico e importante industrial, a quem o Espiritismo deve inestimáveis serviços.

Em Faro, a linda capital do característico Algarve, estão trabalhando activamente para a formação dum importante centro espirita que reuna os núcleos espiritas ali disseminados, os nossos prezados confrades, srs.: Aníbal Martins Caiado, dedicado Vice-Presidente da União Espirita Algarvia, a quem o Espiritismo já muito deve em inteligência e dedicação e muito mais deverá de futuro, e bem assim os nossos dedicados Confrades

Alvaro de Paiva e Ataíde, tenente Manuel Caetano de Sousa e alguns outros confrades cujo esforço e dedicação são especialmente apreciados a-dentro do movimento federativo.

Agora que está para breve a saída de Faro do nosso denodado confrade, sr. João da Silva Figueira, justo é que lhe prestemos tóda a nossa afectuosa camaradagem e agradecimento pelos admiráveis serviços que prestou na propaganda espirita do Algarve, por vezes, através de grandes sacrifícios e agruras.

Em Estremoz está desenvolvendo tóda a sua boa vontade de propagandista incansável o nosso dedicado confrade, sr. Capitão Eurico de Castro Zuzarte, que tomou uma parte activa no 1.º Congresso Espirita Português, e que, certamente, em breve conseguirá, pelo seu inteligente esforço, organizar ali um forte e disciplinado núcleo espirita, o que não será difícil, pois contamos em Estremoz numerosos e dedicados confrades, que compreendem e sentem a necessidade da sua organização associativa.

Evora não deixa também de acompanhar êste intenso movimento federativo, porque contamos ali elementos de muito valor que saberão sacudir todo o entorpecimento, agora que desponta para Portugal uma nova renascença neo-espiritualista. Estamos bem convencidos que Evora será, em breve, um dos melhores baluartes da União Espirita Alentejana, confiando no ressurgimento do seu belo jornal espirita — «Voz da Verdade» — que tão bons serviços prestou à causa espirita, sob a superior direcção dos nossos dedicados confrades, srs. António Lopes Fialho e Telmo Boletto, dedicados propagandistas do nosso Ideal.

Em muitas outras cidades do Pais se trabalha de alma e de coração na propaganda e organização do movimento espiritista que se estenderá às Ilhas e às Colónias numa plena confraternização federativa.

Que Deus nos ilumine e fortaleça nesta redentora cruzada de regeneração social e religiosa, são os nossos ardentes votos a Jesus — o Mestre dos Mestres.

**Conferências espiritas** — Depois de instalada a Federação na sua nova sede, tem-se ali realizado todos os sábados conferências de estudo e de propaganda espirita, às 9 h. n., tendo sido muito concorridas, quer por sócios da Federação, quer por altas individualidades, que ali tem afluído na ânsia de perscrutarem o *mistério* que ainda envolve a nossa doutrina, para todos os que a não tenham estudado, levando uma impressão indelével do espirito científico e filosófico que anima o nosso Ideal, motivo que tem contribuído para o aumento incessante dos sócios da Federação.

Tem presidido a estas conferências os srs.: D. Fernando Zaracallo, um dos mais dedicados e cultos espiritos da renovação neo-espiritualista da Espanha; Barreto da

Cruz, Chefe do Protocolo da Presidência da República; Capitão-tenente José Freire Graíña; Dr. José Neves, que terminou recentemente, com todo o brilhantismo, o curso de Ciências Históricas e Filosóficas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e uma das melhores esperanças do Espiritismo em Portugal e nosso querido camarada da Comissão Directiva desta revista.

Teem sido conferentes os srs.: D. Maria O'Neill, da Academia de Ciências de Portugal, António L. Vilela, quintanista de Matemática da Faculdade de Ciências e Dr. António J. Freire, médico.

No dia 11 de Junho p. f. o nosso prezado Confrade, sr. António Adelino Freitas e Silva, fará na sede da Federação uma Conferência subordinada ao título: — «O Espiritismo perante a evolução filosófica».

Muito brevemente, também farão algumas conferências interessantes de propaganda e vulgarização espírita os nossos dedicados Confrades, srs.: Pedro Cardia e Capitão José Bernardo Pinto da Silva, profundamente versado na interpretação dos Evangelhos, *em espírito e verdade*.

Em fins de Julho, o nosso Confrade, sr. Dr. António J. Freire, irá a Leiria e Vieira de Leiria fazer duas conferências, subordinadas, respectivamente, aos seguintes títulos: — «O Espiritismo através dos seus princípios básicos» — «Bases morais do Espiritismo».

Como estava anunciado, realizou nas Caldas da Rainha, no dia 21 de Março, a conferência de propaganda espírita — «O Espiritismo perante as religiões» — o nosso Confrade, sr. Dr. António J. Freire. O salão do Hotel Rosa foi insuficiente para conter o grande número de ouvintes, onde se contava a mais culta sociedade Caldense. Agradecemos as elogiosas referências feitas pela «Gazeta das Caldas», um dos mais bem redigidos jornais da província, superiormente dirigido pelo sr. G. Nobre Coutinho.

Tanto a senhora D. Maria O'Neill, como o sr. Dr. António J. Freire, foram gentilmente convidados para em Setembro fazerem algumas conferências de propaganda espírita nas Caldas da Rainha e Estremoz, convite que aceitaram.

Também foram convidados para irem fazer algumas conferências de propaganda espírita ao Barreiro e Alcochete os nossos dedicados Confrades, srs. Drs. António L. Vilela, António J. Freire e Pedro Cardia.

Trabalha-se activamente para que em Outubro ou Novembro se realize uma série de conferências de propaganda espírita no Alentejo e Algarve.

**Nomeações** — Devido a ter desincarnado o nosso querido e saudoso confrade, Alberto

Zagalo Fernandes, foi nomeado interinamente Secretário Geral da Federação Espírita Portuguesa o nosso dedicado e culto Confrade, sr. Pedro Cardia da Silva Coutinho, a quem a Federação deve relevantes serviços, sendo já uma das figuras de maior relêvo no movimento espírita português, consagrando-lhe todos os primores da sua inteligência e todo o carinho do seu bondoso coração.

Foram agregados à Direcção da Federação Espírita Portuguesa a senhora D. Inês F. Pinto do Couto Cardia, que tem sido um modelo de dedicação pela nossa causa, devotando-lhe os fulgores da sua lúcida inteligência aliados aos mais lídimos sentimentos na propaganda do nosso Ideal, e o nosso dedicado confrade, sr. José Pereira Serra, a quem a Federação deve valiosos serviços, tendo sido infatigável na organização dos trabalhos federativos.

Foi também nomeado interinamente Ajudante do Bibliotecário, o nosso prezado confrade, sr. Joaquim Júlio da Silva Lagarto, que tem sido incansável no valioso auxílio prestado nos trabalhos preparatórios da instalação e organização da Federação Espírita Portuguesa.

Foram nomeados Administradores do órgão oficial da Federação — «Revista de Espiritismo» — os nossos dedicados Confrades, srs.: Vasco Infante da Câmara e Raul Zagalo Fernandes, a quem o espiritismo deve já inestimáveis serviços e que agora evidenciarão todas as suas belas qualidades de inteligência e de dedicação na gerência desta revista que demanda já muito trabalho pela expansão que vai tomando, de dia para dia, indo além da expectativa mais optimista.

Esta nomeação derivou do pedido de demissão do nosso dedicado confrade, sr. Carlos José da Costa Carinha, absorvido em importantes trabalhos industriais, a quem o Espiritismo deve de há muitos anos o melhor do seu esforço e carinho, indo, por vezes, através de grandes sacrifícios.

A Comissão Directiva desta revista, prestando tôda a sua homenagem ao seu primeiro Administrador, agradece o enorme esforço de trabalho que dispendeu para a organização e gerência do início desta revista.

**Sessões espíritas** — Iniciaram-se já na Federação os trabalhos experimentais, estando já constituídos cinco grupos espíritas, funcionando metódica e regularmente.

Vários Confrades se teem dirigido à Direcção da F. E. P. para se incorporarem nos grupos já formados. Esta orientação é errónea e pode dar origem a profundas perturbações no desenvolvimento dos trabalhos práticos, motivo por que a Direcção não tem acedido a tais pedidos.

Os grupos espíritas não podem nem devem ser constituídos como uma aglomeração

P.C.

casual, muito especialmente agora que estão no início esses trabalhos e os grupos formados, lutando ainda para se tornarem homogêneos e fortes.

Além disto todos os grupos têm um limite — de 5 a 7 membros.

Todos os sócios que queiram formar grupos experimentais a-dentro da Federação devem ter pleno conhecimento dos princípios básicos do Espiritismo, conhecimento que só podem adquirir pelo estudo de autores consagrados e por repetidas meditações, única forma de assimilarem o complexo transcendentalismo espírita, devendo dedicar o melhor do seu esforço no sentido de obterem uma lúcida compreensão da mecânica fluidica e moral que rege todo o experimentalismo espírita.

O fenómeno espírita tem uma dupla face: moral e científica, demandando estudo e grande elevação moral, e só assim se podem obter resultados apreciáveis.

E' de capital importância a escolha dos elementos para cada grupo, que deve obedecer a uma forte corrente de simpatia e até de mútua amizade e plena confiança entre todos os elementos constituintes. E' através dos pensamentos de desconfiança, vaidade ou emulação, abrindo lacunas na corrente fluidica envolvendo todos os grupos, que penetra o Astral Inferior, **sempre alerta**, produzindo desde a cizânia até à mistificação e obsessão.

Infelizmente em Portugal, com raras excepções, o móvel dos trabalhos práticos é quasi sempre uma mórbida curiosidade do fenómeno espírita. A Federação Espírita Portuguesa envidará os seus melhores esforços no sentido de orientar os trabalhos experimentais nos mais modernos processos científicos e morais.

A Federação está trabalhando na organização duma escola de aperfeiçoamento de médiuns e espera ainda este ano poder apresentar alguns trabalhos experimentais metapsíquicos e espíritas a que poderão assistir todos os sócios que assim desejem.

**O ultramentanismo à solta** — Não podemos deixar de registar com profunda mágoa todos os processos inconfessáveis de que alguns católicos estão lançando mão em muitas terras de Portugal, para deturpar e denegrir a alta finalidade moral do Espiritismo que, muito a seu contra-gôsto, vêm avançar, de dia para dia, duma forma imprevisível.

O nosso ilustre e dedicado Confrade, sr. José Tito Martins, almirante da Marinha Brasileira, casado com uma senhora portuguesa, residindo actualmente em Portugal, na aldeia de A. de Barros, do concelho de Moimenta da Beira, tem sido alvo por parte de elementos clericais das mais malévolas e acintosas perseguições, como nos descreve numa carta que publicaremos, se necessário fôr, tal a honorabilidade que, a todos os títulos, nos merece o sr. Almirante Tito Mar-

tins, a quem prestamos tôda a nossa homenagem de respeito e de confraternização.

Mas não resistimos à transcrição de parte duma carta que recebemos do nosso dedicado Confrade, sr. António Barbosa, comerciante, de Vila Nova de Cerveira, reforçada com a assinatura dos nossos dedicados confrades do mesmo concelho, srs. João da Cruz Sobral, Manuel Pereira, António Joaquim Magalhães, Joaquim Martins Gonçalves e António Pereira:

*«Em casa de António Joaquim Magalhães, da freguesia de Lobelhe, deste concelho, reúne um grupo com o intuito de estudar e praticar a sublime doutrina Cristã. O Abade da referida freguesia, notando que tal crença tomava um grande incremento, visto que as adesões se sucediam constantemente e o número dos assistentes às sessões era enorme, receando ser atingido nos seus gananciosos proventos, resolveu fazer na missa conventual uma prelecção aos seus incautos paroquianos, incitando-os a impedir o funcionamento do referido grupo. Embora tal atitude não merecesse o aplauso duma grande parte do auditório, não deixou todavia de calar bem fundo no ânimo dos «Ratos de Sacristia», os quais resolveram dar cumprimento integral à pretensão do falso Ministro, e para conseguirem pôr em prática o seu malévolos intento, postaram-se nas vias que dão acesso à casa das reuniões, empurrando e maltratando com gestos e ameaças todos os seus frequentadores, intimando-os a desistir de voltar ali, sob pena de agressão, e, não satisfeitos com o consentimento de tais tropelias, resolveram assaltar a casa das reuniões, pretendendo por meio da violência expulsar dela o seu proprietário e família, bem como as demais pessoas que já então ali se encontravam.»*

Não fazemos comentários; mas pedimos licença às autoridades locais, para lembrar que as leis vigentes do nosso país permitem a plena liberdade de cultos, sendo as casas dos cidadãos invioláveis à face da Constituição da República Portuguesa.

Aos nossos dedicados Confrades de Vila Nova de Cerveira pedimos tôda a tolerância e resignação, como bases da nossa doutrina, testemunhando-lhes tôda a nossa afectuosa confraternização e voltaremos ao assunto, se, infelizmente, necessário fôr.

## ESTRANGEIRO

**Farça sacrilêga** — Transcrevemos textualmente do «Diário de Notícias», de Lisboa, a notícia que esta epígrafe encimava:

*«A imprensa de Buenos Aires está-se ocupando dum caso de exploração religiosa que acaba de ser descoberto e que é considerado como um formidável escândalo. Em certa igreja daquela capital ve-*

nera-se uma imagem da Virgem, à qual se acolhem numerosas devotas da alta sociedade. A essa imagem se atribuem muitos milagres, contando uma imensa fortuna em joias e dinheiro, graças às oferendas que lhe tem sido feitas.

A igreja está entregue a vários monges, um dos quais pensou em montar ali um grande negócio, de rendimento certo. Fazendo correr que o poder de Santo Antônio, como casamenteiro, estava muito abalado, não sendo já nada do que era, espalhou-se que a Virgem em questão se encarregava de arranjar noivo ou de reavivar amores esquecidos, bastando escrever-lhe uma carta a explicar minuciosamente o que se desejava, acompanhada dum donativo correspondente em dinheiro. Para recolher esses requerimentos colocou-se junto do altar uma caixa, de que o frade tinha a chave, estando autorizado pela Virgem a deles tomar conhecimento.

Apenas a notícia se espalhou no meio devoto de Buenos Aires, começaram a ser endereçadas à Virgem numerosíssimas cartas em que as signatárias casadas e solteiras contavam ingenuamente o seu «caso», com uma intimidade por vezes extraordinária. O frade lia as missivas e aconselhava às requerentes o caminho a seguir.

Isto deu origem a incidentes graves em muitos lares, a tal ponto que as autoridades eclesiásticas tiveram de intervir, transferindo os monges para o Chile.

O caso, porém, não ficou por aqui, pois um outro, que criou à sua volta uma auréola de santo, assegurava haver inventado uma panaceia infalível para curar os sofrimentos físicos, consistindo numa espécie de queijo, de determinado preço, e que era vendido, em geral, à gente rica. Muitas dessas pessoas iam sendo vítimas da sua ingenuidade, necessitando de uma rápida e enérgica intervenção médica. No entanto, a Virgem ia engrossando a sua fortuna, sem que tivesse qualquer culpa, é claro, do negócio que os frades iam fazendo à sua sombra.

*O facto tem dado que falar.»*

**Ford proclama a verdade do Espiritismo** — Ford acaba de fazer a sua profissão de fé espírita.

Ford, êsse indómito lutador, que soube elevar-se de simples e modesto operário mecânico a Rei dos automóveis, hoje, um dos maiores e o mais popular arquimilionário norte-americano, proclamou, ultimamente, numa entrevista já célebre, a sua convicção na pluralidade das vidas sucessivas, (*palin-génésia*), e na lei kármica, onde se desen-

rola tódia a nossa evolução, segundo o critério do Espiritismo.

Esta atitude não é para estranhar num país, onde a verdade não é sacrificada por preconceitos sociais, em que o seu venerando Presidente Coolidge não perde oportunidade oficial, para afirmar a sua orientação espiritualista e do país que tão brilhantemente representa, finalmente, onde o materialismo e ateísmo são velharias que, de há muito, passaram de moda.

O Rei dos automóveis assim falou, em Paris, a um redactor do *Excelsior*: — «Cada vida que aqui passamos é mais uma contribuição para a nossa experiência total.

Tudo o que existe na Terra é útil ao nosso bem-estar, e para acumular conhecimentos, que serão utilizados ulteriormente. Não há uma parcela de pensamento, de experiência, que não continue. A vida é eterna. Assim a morte não pode existir. Um dia teremos bastantes conhecimentos, para ver e compreender a vida eterna do Universo e o que se passa nos outros planetas. A vida na Terra não é senão um ponto de junção entre as vidas passadas e as vidas futuras.»

**Uma exposição espírita** — Depois da exposição de Rotterdam, (Holanda), consagrada especialmente às revistas e jornais internacionais do Espiritismo que durou todo o ano p. passado e que constituiu um retumbante triunfo para o Espiritismo pela quantidade e qualidade da sua bibliografia jornalística que se elevou a muitas centenas de exemplares, onde figuraram onze revistas e jornais portugueses da especialidade, acaba agora de se iniciar uma nova exposição espírita em Filadélfia (Estados Unidos da América do Norte).

«*The Progressive Thinker*» — Chicago — aproveitando a grandiosa Exposição Sesqui-centenária Internacional, organizou e anexou à Secção de Educação uma imponente e elucidativa exposição espírita, onde se pode acompanhar a história do Espiritismo em todas as suas fases, desde o seu início até à época presente.

Nesta exposição destacam-se as Declarações de Princípios das principais organizações espíritas mundiais numa perfeita e harmónica finalidade.

▪ A bibliografia é riquíssima, tanto em obras de fundo, como em revistas e jornais.

A secção de fotografias é admirável em quantidade e qualidade e ali se encontram fotografadas as celebridades mundiais no mundo das sciências, das artes e das letras que aderiram ao Espiritismo, destacando-se nesta secção as fotografias das vinte ambulâncias que os espíritas americanos organizaram e dirigiram ultimamente em França, durante a grande guerra.

# Caixa de Propaganda

## Subscrição Permanente

*O principal objectivo da Federação Espírita Portuguesa é a propaganda científica e cristã do Espiritismo.*

*Este objectivo só pode ter realização prática e efectiva pela larga divulgação desta Revista e doutras publicações espiritalistas numa intensiva distribuição gratuita.*

*Os trabalhos tipográficos tomaram proporções assustadoras no nosso país, e, assim, só com um eficaz e decidido apoio financeiro dos Espíritas Portugueses, a Federação poderá realizar a sua nobre e humanitária finalidade de regeneração social.*

	Transporte .....	830\$00
 <i>Março-Abril de 1927</i>		
P. J. C.—Lisboa.....		500\$00
Firmino de Assunção Teixeira—Póvoa de Varzim.....		300\$00
Francisco Alves — Lisboa.....		200\$00
Alex. Lapelier — Lisboa .....		100\$00
Espíritas de Olhão.....		100\$00
Aires Vaz Raposo — Lisboa.....		60\$00
Capitão-Tenente José Freire Grainha — Lisboa.....		50\$00
Joaquim Loureiro Júnior — Lisboa.....		50\$00
Sérgio Augusto da Silva — Soianda — Tomar.....		50\$00
Centro Espiritualista de Loivo.....		15\$00
D. Felismina Coelho Harvey — Vila Real de S. <sup>to</sup> António		15\$00
D. Rita Sousa Pádua — Vila Real de Santo António.....		10\$00
Angelo Coelho — Portalegre.....		10\$00
Carlos Alberto Fernandes — Alandroal.....		10\$00
Armando Passos Alves Leão — Chaves.....		10\$00
António Simões de Oliveira — Lisboa.....		10\$00
Paulo da Gama Macedo — Pôrto .....		5\$00
Augusto dos Santos — Lisboa .....		5\$00
José da Rocha Brandão — Vila Nova de Gaia.....		5\$00
Ramiro de Oliveira — Barcarena.....		5\$00
L. F. G.— Lisboa.....		5\$00
Um espírita pobre — Lisboa.....		5\$00
		2.350\$00